



**CENTRO UNIVERSITÁRIO CURITIBA (UNICURITIBA) DO GRUPO
ÂNIMA EDUCAÇÃO
AUGUSTO CLAIR KOSVOSKI**

**O POVO CURDO E A MÚTUA INFLUÊNCIA NAS POLÍTICAS
GOVERNAMENTAIS TURCAS: UMA ABORDAGEM INTERPRETATIVA**

Curitiba/PR

2023

AUGUSTO CLAIR KOSVOSKI

**O POVO CURDO E A MÚTUA INFLUÊNCIA NAS POLÍTICAS
GOVERNAMENTAIS TURCAS: UMA ABORDAGEM INTERPRETATIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação
em Relações Internacionais, do
Centro Universitário Curitiba
(UNICURITIBA) como requisito
parcial para a obtenção do título de
Bacharel.

Orientador: Prof. Andrew Patrick Traumann, Dr.

Curitiba/PR

2023

AUGUSTO CLAIR KOSVOSKI

**O POVO CURDO E A MÚTUA INFLUÊNCIA NAS POLÍTICAS
GOVERNAMENTAIS TURCAS: UMA ABORDAGEM INTERPRETATIVA**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado à obtenção do título de Bacharel e aprovado em sua forma final pelo Curso de Relações Internacionais do Centro Universitário Curitiba (UNICURITIBA).

_____, _____ de _____ de 20____.

Prof. e Orientador Andrew Patrick Traumann, Dr.
Centro Universitário Curitiba – UNICURITIBA

Prof. _____
Centro Universitário Curitiba – UNICURITIBA

Prof. _____
Centro Universitário Curitiba – UNICURITIBA

*“Toda alma digna de si própria
Deseja viver a vida em extremo.
Contentar-se com o que lhe dão
É próprio dos escravos”
(Fernando Pessoa)*

RESUMO

O presente trabalho possui como objetivo central o estudo da etnia curda e sua história na Turquia. Busca-se compreender, pela análise do período compreendido entre 1916 até 2017, as implicações das políticas de assimilação turcas e como estas se relacionam com a resistência curda pós-1980. O surgimento do Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK), sob a liderança de Abdullah Öcalan, representou o resgate e a renovação de uma consciência coletiva curda e consolidou-se como o maior símbolo da luta curda por direitos civis, políticos e econômicos na Turquia. A interação entre o governo turco e o PKK, ao longo das quatro décadas de sua existência, incorre em relações multifacetadas, dotadas de nuances expressadas pelo contexto político e regional de cada período, mas que, essencialmente, variam em termos de graus de aproximação e de violência. Visa-se examinar, além disso, a perspectiva de desejo de formação de federações independentes, teorizadas por Öcalan como o denominado Confederalismo Democrático, em contrapartida ao surgimento de um Curdistão independente.

Palavras-chave: Turquia. PKK. Curdistão. Curdo. Confederalismo Democrático. Conflito. Oriente Médio

ABSTRACT

The main objective of this paper is to study the Kurdish ethnic group and its history in Turkey. It seeks to understand, through an analysis of the period between 1916 and 2017, the implications of Turkish assimilation policies and how they relate to post-1980 Kurdish resistance. The emergence of the Kurdistan Workers' Party (PKK), under the leadership of Abdullah Öcalan, represented the rescue and renewal of a Kurdish collective consciousness and became the greatest symbol of the Kurdish struggle for civil, political and economic rights in Turkey. The interaction between the Turkish government and the PKK over the four decades of its existence has led to multi-faceted relations, with nuances expressed by the political and regional context of each period, but which essentially vary in terms of degrees of rapprochement and violence. The aim is also to examine the prospect of the desire to form independent federations, theorized by Öcalan as the so-called Democratic Confederalism, as opposed to the emergence of an independent Kurdistan.

Keywords: Turkey. PKK. Kurdistan. Kurd. Democratic Confederalism. Conflict. Middle East.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	A NAÇÃO E O NACIONALISMO CURDO	11
2.1	CURDISTÃO - A NAÇÃO SEM ESTADO.....	17
2.2	FORMAÇÃO DA TURQUIA E OS REFLEXOS NA ETNIA CURDA PRÉ-PKK ...	23
3	O POVO CURDO NA TURQUIA	27
3.1	O PKK E SUA INFLUÊNCIA ENTRE OS CURDOS.....	28
3.2	O PKK APÓS A PRISÃO DE ÖCALAN.....	40
4	ANÁLISE CRÍTICA	54
4.1	A EXPERIÊNCIA CURDA	55
4.2	FORMAÇÃO DE UM ESTADO CURDO?	59
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
	REFERÊNCIAS	66

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como tema a exploração do contexto no qual se inserem o povo curdo e o Estado turco. A importância desse tema para as Relações Internacionais se revela na compreensão das causas, complexas e interconectadas, que desencadearam as condições de existência curdas na atualidade. Sendo assim, agrega-se valor à discussão em forma de alteridade enquanto questão social, em reconhecimento ao humano em conflito; em contribuição acadêmica ao ser trazido o estudo de um conflito em acontecimento presente na atualidade, um tema gerador de debates e sugestivo de progresso nas relações internacionais objetivando-se alcançar a promoção de maior atenção à causa e, ultimamente, o apaziguamento nos entendimentos e possíveis soluções. Examinam-se, portanto, causas históricas, étnicas, sociais, ideológicas e geopolíticas.

A pesquisa será dividida em três partes. Em um primeiro momento, será tratado de caracterizar, conhecer e reconhecer o povo curdo pré-Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK). Neste cenário, será proposto o objetivo de compreender seus quereres e intenções em relação aos territórios nos quais se encontram e, ao mesmo tempo, como tais territórios, reciprocamente, exercem influência sobre esse povo. Sendo assim, no primeiro capítulo, será realizada uma investigação sobre: i) a história o povo curdo dentro do Estado turco, no que se refere às relações com o governo ii) a expressão do nacionalismo Curdo em suas diversas facetas; iii) a opressão categórica do governo turco à existência curda; e iv) à constante limitação à emancipação curda em relação à Turquia.

No segundo capítulo, será estudado o surgimento e os impactos do PKK ao longo de sua existência, ressaltando, sobretudo, o seu fator harmonizador de um espírito curdo, unindo a população e passando a ser considerado o “porta-voz dos curdos frente à Turquia”. Será analisado o período de guerra, que se estendeu desde 1984 até 1999, assim como os fracionados cessar-fogos ao longo dos anos 2000. A prisão do homem central do PKK, Abdullah Öcalan, em 1999, significou um período de reestruturação do partido e de novas aspirações políticas na região, tornando-as menos agressivas, se comparadas às décadas de 1980 e 1990. Assim, será coberto o período das negociações de paz, entre 2009 e 2015 e, por fim, será estendida a análise da Operação Escudo de Eufrates, entre 2015 e 2017, período que caracterizou a atividade militar turca no Estado sírio.

O último capítulo se concentrará na análise crítica acerca das interações entre o governo turco e os curdos e em como o PKK sintetizou a luta por reconhecimento e, de fato, atraiu a atenção dos *policy-makers* turcos durante toda sua existência. Será abordada, também, a questão da possibilidade de surgimento de um Estado-Nação curdo, em que se considera tanto a perspectiva dos Estados que constituem o Curdistão quanto a determinação dos curdos sobre a temática.

Ademais, os aspectos de relevância acadêmica consistem no angariamento de recursos e métodos de análise que podem ser aplicados a situações semelhantes globalmente. A importância última recai sobre a proposição de condições de pensamento do conflito por meio de ângulos relacionados à construção de nacionalidades, baseadas em perspectivas histórico-culturais e à securitização da emergência de tais nacionalidades como ameaça. Assim, socialmente, a pesquisa possui relevância na identificação de informações úteis ao conhecimento comum, assim como a promoção da perspectiva de alteridade, no que diz respeito às relações de poder entre os povos subjugados pelo poder militar ou pela ausência da presença do Estado nas regiões de habitação. Dessa forma, idealiza-se a indignação perante a indiligência do Estado e do insuficiente desempenho dos atores internacionais devido às características de soberania inerentes ao Estado vestfaliano.

O conflito entre o Estado turco e a etnia curda é um reflexo das modificações conjunturais do sistema internacional. Bozarslan, Bhaba e Göçek argumentam acerca dos elementos discursivos para a criação de políticas anti-curdas: fundamentam-se sobre narrativas homogêneas e supressão de minorias étnicas. Movimentações essas que, diretamente, afrontam os pilares da alteridade em relacionamento entre povos e fomentam a violência metódica.

Para compor a análise crítica, foi utilizada na realização desse estudo a revisão bibliográfica de livros e artigos acadêmicos. A metodologia adotada foi a pesquisa bibliográfica exploratória quanto aos meios e qualitativa, indutiva e dedutiva quanto à forma de abordagem. A pesquisa contempla o período no qual os acontecimentos históricos refletem nos acontecimentos objeto deste estudo: desde a formação da República da Turquia até a retirada das tropas turcas da Síria, em 2017. Recorte temporal este que compreende as mais influentes nuances na trajetória curda e as principais medidas de repressão turcas.

Os estudos nessa linha de pesquisa possuem um caráter interpretativista, que estuda o objeto de investigação em seu contexto, levando em conta os significados que as pessoas lhe atribuem, considerando os efeitos de memória, história e ideologia (PETINE, 2020).

O estudo delimitou-se à experiência do povo curdo-turco em relação às políticas de governo da República da Turquia. Na sequência, será apresentada uma análise crítica acerca dos desdobramentos políticos no contexto da produção, tanto de políticas governamentais turcas, quanto de reações curdas ao longo do período determinado.

2 A NAÇÃO E O NACIONALISMO CURDO

Diversas são as tentativas de conceptualização de nação e nacionalismo ao longo dos estágios de organização humana enquanto sociedade. É evidente que, na história recente, o contexto da abrangência é delimitado pelo nascimento do Estado-nação. As teorias que, anteriormente esparsas, direcionavam-se a “apontar grupos sociais com descendência cultural em comum, mas ainda sem conotação territorial” (SANTOS, 2018, p. 275), passaram a ganhar volume e diferentes aspectos. Ainda, para Santos, considera-se que:

Nacionalismo também se relaciona diretamente à História por ambas serem focos de construção de memória coletiva. As ideias nacionalistas são o ponto de junção entre as ações políticas promovidas pelos Estados e a identidade cultural da população. Concebe-se que o século XIX consolidou a ideia de “Estado-nação” no âmbito político, enquanto no século seguinte esse conceito se consolidaria culturalmente (SANTOS, 2018, p. 276).

Assim, distribuem-se em diversos sentidos os estudos sobre nacionalismo: seja sua formação, as causas de sua existência, seu efeito direto sobre o direcionamento da população, ou os objetivos político-ideológicos que se camuflam de identidade nacional, dentre outros. Por outra perspectiva, tais análises, variando de acordo com o emprego da intelectualidade de cada autor, difundem-se ao longo de todo o espectro emocional/espiritual – racional/político.

Ernest Gellner, por exemplo, considera o nacionalismo como um princípio político, que determina a congruência da unidade nacional: “nacionalismo, às vezes, transforma culturas pré-existentes em nações, às vezes inventa estas, e frequentemente oblitera tais culturas”¹ (GELLNER, 1983, p. 49, *tradução nossa*). Ao delimitar objetivamente os nacionalismos em dois grupos, “nacionalismo mediado pela cultura” e “tribalismo mediado pela estrutura”, elabora:

Os nacionalismos são simplesmente aqueles tribalismos, ou qualquer outro tipo de grupo, que por sorte, esforço ou circunstâncias conseguem se tornar uma força efetiva nas circunstâncias modernas. Eles só são identificáveis *ex post factum*. O tribalismo nunca prospera, mas quando o faz, todos irão respeitá-lo como um verdadeiro nacionalismo, e ninguém ousará chamá-lo de tribalismo² (GELLNER, p. 87, *tradução nossa*).

¹ Nationalism, which sometimes takes pre-existing cultures and turns them into nations, sometimes invents them, and often obliterates pre-existing cultures (GELLNER, 1983, p. 49).

² Nationalisms are simply those tribalisms, or for that matter any other kind of group, which through luck, effort or circumstance succeed in becoming an effective force under modern circumstances.

Outros autores, ainda, como Hroch (1985), elencam o nacionalismo como fator posterior ao surgimento de uma nação, ao passo que tal nação é produto “de uma realidade social de origem histórica” (HROCH, 1985). Mais especificamente, a definição de Hroch para nação é:

Um grande grupo social caracterizado pela combinação de diversos tipos de relação (econômica, territorial, política, religiosa, cultural, linguística, dentre outros), que surgem, por um lado, da solução encontrada para o antagonismo fundamental entre o homem e a natureza em uma área compacta específica e, por outro lado, do reflexo dessas relações na consciência das pessoas³ (HROCH, 1985 p. 4-5, *tradução nossa*).

A partir desta descrição, evidencia-se a propensão à conceituação material deste tema. Para ele, o nacionalismo “é a visão que confere absoluta prioridade aos valores da nação perante quaisquer outros valores e interesses” (HROCH, 1992, p. 88).

Por outro lado, caracterizam, o historiador curdo Abbas Vali (1996) e David McCrone (1998), o discurso nacionalista como uma manipulação da história, em que se forja uma realidade passada, apta a cumprir seu propósito dentro de uma comunidade. Portanto, para McCrone, a epigrama do pensador do século XIX, Ernest Renan, “entender a história errado é parte de uma nação” significa “uma pré-condição da história nacionalista, porque requer não somente a lembrança coletiva, mas também o esquecimento coletivo”⁴ (MCCRONE, 1998, p. 44, *tradução nossa*). Para Vali, em concordância, “o discurso nacionalista é historicista; apoia-se na genealogia para a legitimação da causa nacionalista, na historicização da origem nacional para a afirmação de si e negação do outro”⁵ (VALI, 1996, p. 23, *apud* ÖZCAN, 2006, p. 26, *tradução nossa*).

They are only identifiable ex post factum. Tribalism never prospers, for when it does, everyone will respect it as a true nationalism, and no-one will dare call it tribalism (GELLNER, 1983, p. 87).

³ A large social group characterized by a combination of several kinds of relation (economic, territorial, political, religious, cultural, linguistic and so on) which arise on the one hand from the solution found to the fundamental antagonism between man and nature on a specific compact land-area, and the other hand from the reflection of these relations in the consciousness of the people (GELLNER, 1983, p. 4-5).

⁴ ‘Getting history wrong’ is the precondition of nationalist history because it requires not only collective remembering but collective forgetting (MCCRONE, 1998, p. 44).

⁵ ‘Nationalist discourse is historicist; it relies on genealogy for the legitimation of the nationalist cause on the historicization of the national origin for the affirmation of the self and denial of the other (VALI, 1996, p. 23, *apud* ÖZCAN, 2006, p. 26).

Para Benedict Anderson, em *Comunidades Imaginadas*, “os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão ou nem sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles” (ANDERSON, 2008, p. 32). Por isso, define nação como “uma comunidade política imaginada”: não há, materialmente, vínculo entre todos seus membros, ainda que, ao notarem-se, estes possuam certo grau de “camaradagem horizontal” (ANDERSON, 2008, p. 34). Curto *et al.*, ao analisarem esta obra, atribuem-na certa centralidade nos estudos sobre a “ideia de ‘representação’ da nação como elemento de construção da realidade”. Consideram que “a imaginação explora as possibilidades conferidas por um universo cultural e simbólico”. Isto significa que a simbologia por detrás do conceito de cada nacionalismo é o fator chave para o seu fortalecimento e, dessa forma, possibilita que “[exponha-se] a força da cultura como ‘visão do mundo’, mas também enquanto espaço de lutas políticas”.

Dentro do espectro conceitual de nação e nacionalismo, autores dedicados a esse estudo utilizam-se dos recursos históricos acerca de situações nas quais grupos étnicos não participam significativamente do controle político na região em que habitam. Elabora Gellner (1983):

Mas há uma forma particular de violação do princípio nacionalista à qual o sentimento nacionalista é particularmente sensível: se os governantes da unidade política pertencem a uma nação diferente daquela da maioria dos governados, isso, para os nacionalistas, constitui uma brecha excepcionalmente intolerável de propriedade política. Isso pode ocorrer tanto pela incorporação do território nacional em um império maior, quanto pela dominação local de um grupo estrangeiro⁶ (GELLNER, 1983, p. 1, tradução nossa).

Especialmente aplicável àqueles grupos historicamente subjacentes ao poder e às políticas públicas do Estado, como os catalães no nordeste espanhol, ou os curdos e os palestinos no Oriente Médio, por exemplo, a teorização acerca do sentimento nacional ilustra, muitas vezes, características relativamente apaixonadas sobre o termo “nacionalismo”. Eric Hobsbawm, em *Nações e Nacionalismo* (1990), argumenta que “o nacionalismo, qualquer que seja a emoção poderosa de fazer

⁶ But there is one particular form of the violation of the nationalism principle to which nationalist sentiment is quite particularly sensitive: if the rulers of the political unit belong to a nation other than that of the majority of the ruled, this, for nationalists, constitutes a quite outstandingly intolerable breach of political property. This can occur either through the incorporation of the national territory in a larger empire, or by the local domination of an alien group (GELLNER, 1983, p. 1).

parte de uma ‘comunidade imaginada’, nada é sem a criação de Estados-nações, e um mundo de tais Estados, adequando-se aos atuais critérios de nacionalidade étnico-linguísticos, não é, hoje em dia, uma probabilidade viável” (HOBSBAWM, 1990, p. 210). Sendo assim, pouco estes povos mostrariam contentamento pela mera identificação.

Evidencia-se, portanto, dentro desses grupos, a intensificação do desejo de reivindicação político-estrutural, ligado diretamente ao favorecimento da perspectiva de sua autodeterminação. Acrescenta: “em resumo, é seguro dizer que somente um bando de fanáticos olharia esse progresso de autodeterminação nacional/comunal como algo um pouco melhor do que um *status quo* intensamente insatisfatório” (HOBSBAWM, 1990, p. 210). Relevante à discussão, ainda, Ali Kemal Özcan, problematiza a questão da formação nacional, uma vez que, para ele, “existe uma *preocupação oculta* que preocupa as mentes das pessoas e prejudica as decisões sobre quem (qual *etnia*) pode ou não pode se qualificar como um ‘Estado-nação’⁷” (ÖZCAN, 2006, p. 26, tradução nossa). Isto implica a atenção para a complexidade inerente às redes de poder no sistema moderno de organização westfaliana.

Em relação à perspectiva curdo-turca, movimentos nacionalistas passaram a despontar com maior força na Anatólia a partir do século XIX, durante a existência do Império Otomano. Com a ascensão do Sultão Abdülhamid II em 1876, escreve Arakon (2014), foram criados os Regimentos Hamidiye, compostos de curdos recrutados, cuja função aparente era resguardar as vilas de revoltas internas, enquanto o objetivo real consistia no desenvolvimento e utilização de força militar organizada em temida rebelião e reivindicação nacional armênia. Logo, cita a autora, “Os *Regimentos Hamidiye* deram aos curdos algum poder – senão consciência étnica – dentro do Império”⁸ (ARAKON, 2014, p. 141, tradução nossa). De acordo com Robert Olson, em 1880, o líder curdo Xeique Ubaydallah promove a primeira expressão do nacionalismo curdo moderno ao enviar uma carta para o Vice-cônsul britânico:

A nação Curda, composta por mais de 500.000 famílias, são um povo a parte. Sua religião é diferente [dos outros], e suas leis e costumes são distintos.... Nós também somos uma nação à parte. Nós queremos que

⁷ “There exists a hidden concern preoccupying people’s minds and prejudicing decisions about who (which ethnic) may or may not qualify as a ‘nation-state’” (ÖZCAN, 2006, p. 26).

⁸ “The Hamidiye Regiments gave the Kurds some power –if not ethnic consciousness– within the Empire” (ARAKON, 2014, p. 141).

nossos assuntos estejam em nossas mãos, para que, na punição de nossos próprios ofensores, nós sejamos mais fortes e independentes, e ter privilégios como outras nações... Esse é o nosso objetivo [para a revolta] ... Caso contrário, todo o Curdistão tomará o assunto em suas próprias mãos, ao passo em que eles são incapazes de aceitar essas ações contínuas e a opressão que sofrem nas mãos do governo [Persa e Otomano] (ÖZÖGLÜ, 2001, p. 391 apud GÜLSEN, 2013, p. 6, tradução nossa).

Esta rápida mudança nos ânimos curdos levou à emergência das primeiras revoltas nacionalistas organizadas e às conseqüentes repressões por parte do Império Otomano. Carl Dahلمان (2002) afirma que “A subsequente derrota das tribos curdas pelas forças otomanas e cajares marcaram a última mudança política significativa no Curdistão até a Primeira Guerra Mundial”⁹ (DAHLMAN, 2002, p. 278, tradução nossa). Ainda que diversas rebeliões, desde então, tenham sido iniciadas após a formação da República da Turquia, novas teorizações relacionadas ao nacionalismo curdo ganharam consistência apenas nos anos 1970, com a repercussão dos ideais marxistas, por meio da Sociedade Cultural Revolucionária do Leste (DDKO)¹⁰ e, posteriormente, a partir de 1978, com o Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK)¹¹, liderado por Abdullah Öcalan, ocorrendo a conseqüente radicalização do movimento curdo na Turquia. De acordo com o historiador e cientista político especializado em estudos turcos, Hakan Yavuz, “Nenhuma organização curda capturou a ideia e os recursos curdos como o PKK”¹² (YAVUZ, 2001, p. 10, tradução nossa). O nacionalismo curdo pelo PKK ainda estava em construção no final dos anos 1990, o que não impediu seu caráter agenciador das diversas “classes” que compunham a etnia curda – a saber, o Islã, as tribos – e, dessa forma, unificou todas estas consciências regionalizadas em um único anseio comum. Assim, na Turquia, o nacionalismo curdo recente caracteriza-se, além do objetivo de desestabilização política por meio da agressão, pela crítica direcionada não ao Estado ou às políticas turcas, mas à politização do nacionalismo turco como construto, em uma percepção sociopolítica elaborada precisamente, “a fim de legitimar seu próprio nacionalismo separatista”¹³ (YAVUZ, 2001, p. 11, tradução nossa). Por outro lado, o extremismo desse partido foi fator decisivo para o

⁹ “The subsequent defeat of Kurdish tribes by the Ottoman and Qajar forces marked the last significant political change in Kurdistan until the first World War” (DAHLMAN, 2002, p. 278).

¹⁰ Acrônimo turco – *Devrimci Doğu Kültür Ocakları*.

¹¹ Acrônimo turco – *Parti Karkerani Kurdistan*.

¹² “No Kurdish organization captured the mind and resources of the Kurds as much as the PKK” (YAVUZ, 2001, p. 11).

¹³ “In order to legitimize their own separatist nationalism” (YAVUZ, 2001, p. 11).

afastamento de muitos curdos, fato cuja consequência foi a promoção da violência contra aqueles que se opunham a seguir esses ideais.

A figura de Öcalan representa papel central para o espectro teórico do nacionalismo curdo atualmente. Autor de duas das mais importantes obras para o tema, “Guerra e Paz no Curdistão (2008)”, e “Confederalismo Democrático (2011)”, o líder do PKK idealiza “um governo democrático de autogestão, onde os direitos ‘soberanos’ do Estado seriam limitados” (ÖCALAN, 2008, p. 32-33). A formação de tal modelo, no entanto, ocorreria por meio do estabelecimento democrático dessa autonomia, em forma de confederação – o Confederalismo Democrático –, sem necessariamente haver a criação de novas fronteiras políticas. A respeito da organização interna desse ente, Öcalan (2008) discorre:

Tal sistema proporcionaria os marcos dentro dos quais toda comunidade, grupo confessional, coletivo específico de gênero e/ou grupo étnico minoritário, entre outros, poderia organizar-se de maneira autônoma. O mesmo proporcionaria também os meios de organização para qualquer nação e cultura democráticas. O processo de democratização no Curdistão não se limita, no entanto, a uma questão de forma, mas abrange um amplo projeto social visando a soberania econômica, social e política de todas as partes da sociedade, assim como a criação dos órgãos e instituições necessárias e a elaboração dos instrumentos que possam garantir e possibilitar à sociedade um autogoverno e um controle democrático (ÖCALAN, 2008, p. 32).

Ao demarcar os objetivos curdos de forma idealizadora e em consonância com o bem-estar geral daquela sociedade, Öcalan relaciona, ainda, a posição da questão de gênero na estrutura social – aplicada ao contexto vivido por ele – com o declínio dos países socialistas: para ele, a concepção errônea de que este problema se resolveria naturalmente após as demais revoluções político-econômicas socialistas punha-o em segundo plano, o que consolidou a concepção da mulher como “um gênero oprimido” (ÖCALAN, 2008, p. 33). Assim, afirma que “a liberdade e os direitos da mulher devem constituir uma parte estratégica da luta pela liberdade e democracia no Curdistão” (ÖCALAN, 2008, p. 33). Este sistema, portanto, “permite uma implementação mais adequada de valores básicos como liberdade e igualdade em comparação com os modelos administrativos tradicionais” (ÖCALAN, 2008, p. 33). Dessa forma, Öcalan institui um manual de atuação e conscientização para o povo curdo e, mais especificamente, para as reivindicações políticas imediatas do PKK em relação à Turquia, envolvendo temas como liberdades individuais, educação, direitos culturais e a criação de “uma lei pela paz” (ÖCALAN, p. 42).

2.1 CURDISTÃO - A NAÇÃO SEM ESTADO

O início da história curda é impreciso. Kerim Yildiz atribui esse fato à condição originária deste povo: “Os curdos são habitantes nativos de sua terra e, como tais, não existem ‘começos’ para a história e origens curdas”¹⁴ (YILDIZ, 2007, p. 7, tradução nossa). Ainda assim, há evidências da antiguidade de povos cuja cultura era unificada e cuja localização geográfica remete ao atual Curdistão, como, por exemplo, os povos Halaf – 8.000 a.C até 5.400 a.C, estima-se – (IZADY, *apud* PEIXINHO, p. 8). Peixinho também discorre sobre uma gama de povos posteriores que se concentrou nas montanhas da Anatólia oriental, como os Ubaid (5400 a.C até 4.300 a.C), os Hurritas (4300 a.C até meados de 1200 a.C), cujos impactos foram significativos na formação linguística e organizacional curda até a atualidade. Escreve ela, “O legado dos hurritas para a actual cultura curda é fundamental e encontra-se manifesto designadamente na religião curda, na mitologia, nas artes marciais e até na genética” (PEIXINHO, 2010, p. 9). Assim, ao final desse período, constituiu-se o Curdistão como uma única civilização e havendo uma identidade homogeneizada. Os povos que, na sequência, influenciaram a identidade curda foram os Medos (723 a.C até 549 a.C), a partir do desenvolvimento de técnicas de guerrilha e uso de milícias.

As primeiras referências ao termo “curdo”, escritas como “*Kurti*” ou “*Qurtie*”, foram datadas do século X a.C. e remetiam ao povo que habitava localização geográfica da Montanha Azu. Com a intensificação da atividade curda ao longo da história, diversos historiadores – a saber, os gregos Xenofonte (430-355 a.C.), e Polybius (200-120 a.C.) também caracterizam estes povos em suas obras.

De acordo com Kendal Nezan, presidente do Instituto Curdo de Paris, a relevância do Curdistão é novamente evidenciada no século VIII, com a fundação da cidade de Akhlat – teoricamente vassala do califado, mas independente na prática. Dois séculos depois, o Curdistão é dividido entre quatro grandes principados curdos: “no norte, os Xadádidas (951-1174), no leste os Hassanwahidas (959-1015) e os Banu Annaz (990-1116) e no oeste os Marwánidas (990-1096)”¹⁵ (NEZAN, s/d, s/p, tradução nossa). Nezan ainda considera que, caso “o curso da história não tivesse

¹⁴ “The Kurds are native inhabitants of their land and as such there are no strict ‘beginnings’ for Kurdish history and origins” (YILDIZ, 2007, p. 7).

¹⁵ “In the North, the Shaddadids, (951-1174), in the East, the Hasanwayhids (959-1015) and the Banu Annaz (990-1116) and in the West the Marwanids (990-1096).” (NEZAN, s/d, s/p).

sido interrompido pelas massivas invasões das tribos que surgiam dos estepes da Ásia Central”¹⁶ (NEZAN, s/d, s/p, tradução nossa), tais dinastias poderiam ter sido capazes de formar um Estado que incorporasse todo o território curdo. Nezan classifica os séculos seguintes como um período rico para a história do Curdistão, havendo sido importante centro metropolitano para o mundo muçulmano, possuindo escritos relevantes na língua curda. No século XVI, no entanto, “a nação curda torna-se o principal alvo das rivalidades entre o Império Otomano e o Império Persa”¹⁷ (NEZAN, s/d, s/p, tradução nossa) e, assim, os líderes curdos conformam-se com a aliança ao Império Otomano mediante a manutenção da ampla autonomia já conhecida. Nesse contexto, sob a incorporação efetuada pelo Império Otomano, o Curdistão experienciou equilíbrio durante três séculos, o que Nezan qualificou como a era de ouro da nação:

Eles viviam em reclusão, é claro, e seu país estava dividido entre uma série de principados, mas nessa mesma época a Alemanha totalizava cerca de 350 estados autônomos e a Itália estava muito mais fragmentada do que o Curdistão. Cada corte curda era o centro de uma importante vida literária e artística. E como um todo, apesar da divisão política, esse período constitui de fato a idade de ouro da criação literária, musical, histórica e filosófica curda¹⁸ (NEZAN, s/p, tradução nossa).

Naturalmente, pontua o autor, este cenário é modificado pelo advento do nacionalismo curdo, potencializado pela Revolução Francesa, ao longo dos séculos XVIII e XIX. As guerras de unificação e independência do Curdistão, diz ele, marcam a primeira metade do século XIX. Em 1847, “o último principado curdo independente, o de Bohtan, colapsa”¹⁹ (NEZAN, s/d, s/p, tradução nossa). O período que se segue até a Primeira Guerra Mundial é marcado por novas revoltas, lideradas pelos chefes locais, mas sem qualquer efetividade em suas reivindicações. Assim, no contexto da década de 1910, a condição psíquica e estrutural da sociedade curda via-se fragilizada após rígidas repressões.

¹⁶ If the course of history hadn't been disrupted by the massive invasions of tribes surging out of the steppes of Central Asia (NEZAN, s/d, s/p).

¹⁷ The Kurdish country becomes the main stake of the rivalties between the Ottoman and Persian empires (NEZAN, s/d, s/p).

¹⁸ They lived in seclusion of course and their country was split amongst a series of principalities, but in this same era Germany totalled some 350 autonomous states and Italy was much more broken up than Kurdistan. Every Kurdish court was the centre of an important literary and artistic life. And as a whole, despite the political division, this period in fact constitutes the golden age of Kurdish literary, musical, historical and philosophical creation (NEZAN, s/d, s/p).

¹⁹ The last independent Kurdish principality, that of Bohtan, collapses (NEZAN, s/d, s/p).

O sigiloso Tratado de Sykes-Picot, de 1916, “foi instituído com a finalidade de ajustar as parcelas territoriais e as zonas de influência britânica e francesa na região do Oriente Médio” (FARIAS, 2016, p. 44). Nesse sentido, despertou nova possibilidade de independência, a partir do desmembramento do Império Otomano, de duas diferentes formas:

Alguns, muito abertos à "ideologia pan-islâmica do sultão-califa, viam a salvação do povo curdo num estatuto de autonomia cultural e administrativa no quadro do Império Otomano. Outros, alegando inspirar-se no princípio das nacionalidades, advindo dos ideais da Revolução Francesa e do Presidente Wilson dos Estados Unidos, lutaram pela total independência do Curdistão²⁰ (NEZAN, s/d, s/p, tradução nossa).

Em 1918, com o final da Primeira Guerra Mundial, a Conferência de Versalhes intensificou ainda mais o flerte curdo com a independência: os nacional-independentistas “formaram uma apressada delegação [...] para apresentar ‘as reivindicações da nação curda’”²¹ (NEZAN, s/d, s/p, tradução nossa), o que promoveu o (re)conhecimento desta causa à comunidade internacional.

O subsequente Tratado de Sèvres, de 1920, foi o principal documento a respeito da regulação para a formação de um Estado curdo. Assim, em seu Artigo 62 intitulado “Curdistão”, discorre-se:

Uma Comissão com sede em Constantinopla e composta por três membros nomeados pelos governos britânico, francês e italiano, respectivamente, redigirá dentro de seis meses a partir da entrada em vigor do presente Tratado um esquema de autonomia local para as áreas predominantemente curdas situadas a leste do Eufrates, ao sul da fronteira sul da Armênia, conforme definido a seguir, e ao norte da fronteira da Turquia com a Síria e a Mesopotâmia, conforme definido no Artigo 27, II (2) e (3). Se a unanimidade não puder ser obtida em qualquer questão, ela será encaminhada pelos membros da Comissão aos seus respectivos Governos. **O esquema deve conter salvaguardas completas para a proteção dos assírio-caldeus e outras minorias raciais ou religiosas dentro dessas áreas**, e com este objetivo uma Comissão composta por representantes britânicos, franceses, italianos, persas e curdos visitará o local para examinar e decidir que retificações, se houver, devem ser feitas na fronteira turca onde, sob as disposições do presente Tratado, essa fronteira coincide com a da Pérsia (SÈVRES, 1920, grifo nosso).

²⁰ Some, very open to the "pan-Islamist ideology of the sultan-caliph, saw the salvation of the Kurdish people in a status of cultural and administrative autonomy within the frame of the Ottoman Empire. Others, claiming to take inspiration from the principle of nationalities, from the ideas of the French Revolution and from President Wilson from the United States, fought for the total independence of Kurdistan (NEZAN, s/d, s/p).

²¹ Formed a hurried delegation [...] to present "the claims of the Kurdish nation (NEZAN, s/d, s/p).

O Artigo 64, por sua vez, discorre sobre a criação do Curdistão e da não-objeção Turca em relação à independência:

Se dentro de um ano a partir da entrada em vigor do presente Tratado, os povos curdos dentro das áreas definidas no Artigo 62 se dirigirem ao Conselho da Liga das Nações de maneira a mostrar que a maioria da população dessas áreas deseja a independência da Turquia, e se o Conselho considerar que esses povos são capazes de tal independência e recomendar que ela seja concedida a eles, a Turquia concorda em executar tal recomendação e renunciar a todos os direitos e títulos sobre essas áreas (SÈVRES, 1920).

Figura 1 - Delimitações do Tratado de Sèvres.



FIGURE 11. TURKEY IN 1920

Compiled by
Col. Lawrence Martin

Fonte: Sèvres, 1920.

Na figura acima, a área rasurada a Leste da Turquia corresponde à região onde o plebiscito seria aplicado para a formação do Curdistão. É evidente que, caso o curso da história tivesse sido linear neste contexto, o Curdistão teria provavelmente adquirido sua independência a partir da decisão do Conselho da Liga das Nações. O Tratado não foi assinado instantaneamente pelas partes, uma vez que o cenário interno do Império Otomano, neste momento, ruía-se. Com o sucesso da Guerra de Independência Turca (1919-1923), portanto, renegocia-se o Tratado de Sèvres e a recém-nascida República da Turquia propõe o Tratado de Lausanne,

de 1923. Este, influenciado diretamente pelas noções políticas do líder nacionalista turco Mustafa Kemal Atatürk, versava especialmente sobre a secularização do Estado, assim como a asseguaração de direitos às minorias que compunham e pertenciam ao território turco:

A conversa de Kemal sobre um estado secular diminuiu a preocupação europeia e americana sobre o destino da comunidade cristã armênia, enquanto a promessa de um nacionalismo cívico, que prometeria direitos para todas as muitas minorias não turcas da Turquia, diminuiu a preocupação internacional com a autodeterminação curda. Os termos do Tratado de Lausanne, portanto, não previam um Estado curdo ou armênio, mas sim certificou retorno do leste da Anatólia com as fronteiras que permanecem até hoje (DAHLMAN, 2002, p. 279, tradução nossa).

Dessa forma, dissolveram-se os ímpetos ocidentais para a criação do território específico para a nação curda que, a partir das novas fronteiras, foi distribuída entre quatro principais Estados: Turquia, Síria, Iraque e Irã. Wadie Jwaideh, professor famoso pelo estudo dos curdos durante o século XX, de acordo com Van Bruinessen, “não parece perceber o nacionalismo curdo como uma ‘questão’, uma ameaça ao Iraque ou ao mundo Árabe, mas como um fenômeno natural e compreensível, trágico porque como movimento chegou tarde na história e talvez no lugar errado do mundo”²² (VAN BRUINESSEN, 2004, p. 5, tradução nossa). Isso porque, na história moderna, o direito de existência curda é negado na região que, hoje, engloba, essencialmente, território turco, sírio, iraniano e iraquiano. De maneira simplificada, o general Iraniano Hassan Arfa classifica as compreensões desses Estados a respeito dos curdos:

Os turcos dizem: 'vocês são turcos, não curdos; não há curdos na Turquia.' (...) Eles não permitem que haja qualquer questão curda na Turquia. Os iranianos aceitam os curdos como tal, mas dizem que, como os curdos pertencem a um grupo da raça iraniana, formam o ramo curdo dessa raça e, portanto, fazem parte do Irã e, em todo caso, o Irã é um império multirracial baseado na história, tradição e fidelidade comum ao Shahinshah. Portanto, também para os iranianos não existe nenhuma questão curda. Os iraquianos dizem: 'vocês são curdos, nós somos árabes, mas juntos somos iraquianos. O Iraque faz parte da nação árabe, mas como vocês não são árabes, concordamos em conceder-lhes autonomia em nossos termos, com a condição de que continuem a fazer parte do Iraque, sem o direito ou o poder de secessão'²³ (ARFA, 1966, p. 159-60, tradução nossa).

²² Does not appear to perceive Kurdish nationalism as a 'question', a threat to Iraq or to the Arab world, but as a natural and understandable phenomenon, tragic because as a movement it arrived late in history and perhaps at the wrong place in the world (VAN BRUINESSEN, 2004, p. 5).

²³ The Turks say: 'you are Turks not Kurds; there are no Kurds in Turkey.' (...) They do not allow that there is any Kurdish question in Turkey. The Iranians accept the Kurds as such but they say that, as

2.2 FORMAÇÃO DA TURQUIA E OS REFLEXOS NA ETNIA CURDA PRÉ-PKK

A formação do Estado turco, em 1923, se deu pelo processo chamado de “Guerra Turca pela Independência”, que havia começado quatro anos antes: “O surgimento de uma Turquia moderna com sua condição turca ‘renascida’ surgiu após a dissolução do multiétnico Império Otomano”²⁶ (ÖZCAN, 2006, p. 51, tradução nossa). Em meio às tentativas de retenção territorial por parte do enfraquecido Império Otomano, derrotado na Primeira Guerra Mundial e aos próprios planejamentos dos Aliados para a repartição de suas fronteiras, Özcan continua: “uma coalizão da elite militar e civil liderada pelo general do exército otomano Mustafa Kemal organizou prontamente um movimento de resistência da Anatólia composto principalmente por turcos e curdos”²⁷ (ÖZCAN, p. 51, tradução nossa).

Esta guerra, mais do que libertação das amarras territoriais e institucionais, representou para os turcos uma “luta condensada pela invenção da nacionalidade turca”²⁸ (ÖZCAN, p. 52, tradução nossa). Dada a necessidade de formar um Estado do zero, os turcos necessitaram de apoio curdo para a conquista e o objetivo de vencer a Guerra Turca pela Independência: Kemal Atatürk “ofereceu aos líderes tribais curdos autonomia pela ajuda no movimento de independência”²⁹ (ARAKON, 2014, p. 145, tradução nossa). A razão pela qual a promessa não se cumpriu pode ser relacionada com o diário de Mustafa Kemal de 1916, que dizia que os curdos “[...] não sabem turco. Eles não entendem o que governo significa. Em resumo, estes são lugares que ainda não foram conquistados. [...] eles obedecem seus líderes tribais e xeiques, que são muito influentes nessa parte”³⁰ (MANGO, 1999, tradução nossa). Ainda, outra perspectiva foi a de um dos generais turcos, Fahrettin Altay, ainda antes da independência: “Os curdos eram diamantes brutos (...) eles poderiam ser controlados se alguém soubesse como abordá-los. A civilização viria

²⁶ The emergence of a modern Turkey with its ‘reborn’ Turkishness came into being following the dissolution of the multi-ethnic Ottoman Empire (ÖZCAN, 2006, p. 51).

²⁷ A coalition of the military and civilian elite led by the Ottoman army general Mustafa Kemal promptly organized an Anatolian resistance movement composed of mainly Turks and Kurds (ÖZCAN, 2006, p. 51).

²⁸ The over-condensed struggle of the invention of Turkish nationhood (ÖZCAN, 2006, p.52).

²⁹ Offered Kurdish tribal leaders autonomy in exchange for their help in the independence movement (ARAKON, 2014, p. 145).

³⁰ (...) They do not know Turkish. They do not understand what government means. In brief, these are places which have not yet been conquered. (...) They obey their tribal leaders and sheikhs, who are very influential in these parts (MANGO, 1999).

com a educação – na língua turca – e reforçaria a lealdade ao Estado Otomano”³¹ (MANGO, 1999, p. 3, tradução nossa).

Enquanto os turcos apresentavam confiabilidade e prosperidade aos curdos, afirmando que “curdos e turcos são irmãos verdadeiros e não devem ser separados”³² (ARAKON, 2014, p. 145, tradução nossa) e, Mustafa Kemal tendo se referido “em seus discursos à formação de um governo local no Curdistão e [mencionado] que reconheceria o direito à autodeterminação dos povos”³³ (ARAKON, p. 146, tradução nossa), os primeiros anos da República da Turquia representaram extremas violações à população em questão. Na metade da década de 1920, “o governo havia aumentado seu emprego de medidas coercitivas. Falar em curdo foi proibido e as práticas jurídicas foram seguidas pelos militares, o que veio à tona com a revolta curda, liderada pelo Xeique Saïd de 1925”³⁴ (ARAKON, p. 146, tradução nossa). Mas, concomitantemente, os historiadores e sociólogos turcos passaram a “construir uma nova ancestralidade para os curdos, afirmando que eles haviam descendido das tribos turcomanas e, portanto, eram ‘Turcos das Montanhas’”³⁵ (ARAKON, p. 146, tradução nossa). Logo, já que os curdos simplesmente não mais existiam, as revoltas populares não foram vistas como um movimento nacionalista, ou de independência, mas sim como “tribos e bandidos que foram ameaçados pela extensão do poder do Estado moderno na região”³⁶ (ARAKON, p. 146, tradução nossa).

Assim seguiram as décadas seguintes. A “Turquificação” do Estado-nação que havia se formado havia assimilado políticas que compreendiam “todos os aspectos da vida – de educação, à cultura, à economia”³⁷ (ARAKON, p. 147, tradução nossa), e todas as etnias que contrariassem as práticas nacionais impostas pelo Estado turco seriam reprimidas. “Transformar curdos em turcos era retratada

³¹ Kurds were rough diamonds (...) they could be managed if one knew how to approach them. Civilization would come with education –in the Turkish language– and would reinforce loyalty to the Ottoman state (MANGO, 1999, p. 3).

³² Kurds and Turks are true brothers and may not be separated (ARAKON, 2014, p. 145).

³³ In his speeches to the forming of a local government in Kurdistan and mentioned that he would recognize the peoples’ right of self-determination.

³⁴ The government had increased its employment of coercive measures. Speaking in Kurdish was banned and the juridical practices were followed by military ones, all of which came to a head with the Kurdish revolt of 1925 (ARAKON, 2014, p. 146).

³⁵ To build a new ancestry for the Kurds, stating that they had descended from Turkmen tribes and, thus, were “Mountain Turks” (ARAKON, 2014, p. 146).

³⁶ Tribes and bandits who were threatened by the extent of modern state’s power in the region (ARAKON, 2014, p. 146).

³⁷ All aspects of live – from education to culture to the economy (ARAKON, 2014, p. 147).

como uma missão civilizadora para erradicar o tribalismo e o feudalismo”³⁸ (ARAKON, p. 147, tradução nossa). Nesse contexto, revoltas em massa lideradas por xeiques, com graus de organização militar informal foram evidentes, além do impacto causado pela sólida ocupação militar em regiões de maioria curda proporcionou uma “mútua e duradoura desconfiança entre o governo em Ankara e a notável população curda”³⁹ (DAHLMAN, 2002, p. 279, tradução nossa). A destruição da identidade curda por parte do governo turco agravou-se ao incorporar, além de fatores sociopolíticos, como por exemplo “o reassentamento de kosovares albaneses e assírios no sudeste para mudar a composição da região”⁴⁰ (DAHLMAN, p. 279), também os econômicos:

Após a pacificação imediata do Curdistão após anos de guerra interna, a incorporação do Curdistão turco continuaria de acordo com o programa geral de modernização e desenvolvimento econômico do kemalismo - em troca da adoção de uma identidade nacional cívica turca e claramente não curda – embora chauvinistas e incompletas tais tentativas foram⁴¹ (DAHLMAN, p. 279, tradução nossa).

Em relação à política externa durante o início da República Turca, o não intervencionismo era o princípio norteador. As raras participações notáveis das Forças Armadas Turcas no exterior foram contra a Coréia e no Chipre. A esmagadora maioria das campanhas foi contra os curdos (OSLON, 1989, *apud* DAHLMAN, 2002) e, de acordo com Dahlman, isto foi especialmente significativo partindo da perspectiva da participação da Turquia na OTAN em 1952 e a consequente expansão de recursos militares, fato que retrata a continuidade – senão o aumento – da repressão étnica promovida pelo Estado turco.

A década de 1960 foi precedida por movimentos que reivindicavam maior atenção política para o leste turco, buscando “melhorar os níveis surpreendentes de subdesenvolvimento em partes da Turquia, especialmente no sudeste curdo”⁴²

³⁸ Turning Kurds into Turks was portrayed as a civilizing mission to eradicate tribalism and feudalism (ARAKON, 2014, p. 147).

³⁹ Long-lasting mutual mistrust between the government in Ankara and Turkey’s sizeable Kurdish population (DAHLMAN, 2002, p. 279).

⁴⁰ Resettlement by Kosovar Albanians and Assyrians in the southeast to change the composition of the region (DAHLMAN, 2002, p. 279).

⁴¹ Following the immediate pacification of Kurdistan after years of internal war, the incorporation of Turkish Kurdistan was to continue according to Kemalism’s general program of modernization and economic development—in exchange for adopting a civic Turkish, and pointedly non-Kurdish, national identity—however chauvinistic and incomplete such attempts were (DAHLMAN, 2002, p. 279).

⁴² Improve startling levels of underdevelopment in parts of Turkey, especially in the Kurdish southeast (DAHLMAN, 2002, p. 280).

(DAHLMAN, 2002, p. 280, tradução nossa), período breve no qual os jornais relacionados à causa puderam citar a cultura curda antes de serem novamente fechadas com a justificativa de constituírem uma ameaça à unidade nacional. É evidente que, a partir da recém outorgada, pelo golpe militar, Constituição Turca de 1961 – cujo fator-chave para a discussão se concentra na ampliada liberdade de expressão política –, os curdos notabilizaram-se na Turquia, tanto pelo contexto dos países vizinhos, como os movimentos separatistas curdos no Iraque, quanto pelo resgate e disseminação da cultura curda. Viabilizaram-se, também, defesas curdas por partidos políticos: O TKDP (Partido Democrático do Curdistão da Turquia), que, modelo do KDP iraquiano, replicava os costumes tradicionalistas curdos e, portanto, caracterizava-se como menos radical a ponto de exigir apenas uma federação curda dentro da Turquia, e o TIP (Partido dos Trabalhadores da Turquia), que buscou “acolher” a população curda, ainda que não se posicionasse explicitamente favorável à autodeterminação e, portanto, à independência curda da Turquia.

Com a difusão da educação universal e a liberalização sociopolítica como resultado da Constituição de 1961, novos intelectuais modernos, em vez de líderes tribais e religiosos, começaram a moldar a identidade curda. Sob a Constituição de 1961, os intelectuais curdos expressaram a preocupação e as queixas curdas em idiomas socialistas para promover a autodeterminação dos curdos⁴³ (YAVUZ, 2007, p. 9, tradução nossa).

Desse modo, a causa curda passou pelo desprendimento da religião e, secularizada, passa a concentrar-se nos tormentos socioeconômicos de seu povo: “No final da década de 1960, a questão da identidade curda foi expressa em termos de desigualdades econômicas regionais e sugeriu uma solução socialista”⁴⁴ (YAVUZ, 2007, p. 9, tradução nossa). De acordo com Yavuz, ainda, os movimentos de esquerda, de modo generalizado, objetivavam a crítica às “autoridades políticas centrais” de Ankara. Isto consistia no maior fator de unicidade à heterogenia esquerdista do país.

Os esforços, na década seguinte, de concentrar a força curda em uma associação específica se deram por meio da formação da DDKO. A principal função

⁴³ With the spread of universal education and the socio-political liberalization as a result of the 1961 Constitution, new modern intellectuals rather than tribal and religious leaders started to shape Kurdish identity. Under the 1961 Constitution, Kurdish intellectuals expressed Kurdish concern and grievances in socialist idioms to promote the self-determination of the Kurds (YAVUZ, 2007, p. 9).

⁴⁴ In the late 1960s, the Kurdish identity question was expressed in terms of regional economic inequalities and suggested a socialist solution (YAVUZ, 2007, p. 10).

do grupo era a de desenvolver a consciência curda na Turquia, difundida em reuniões e palestras. Assim, alinhada ideologicamente com partidos precedentes, a DDKO “combinou o marxismo e o nacionalismo curdo para mobilizar a juventude em nome da justiça social e da identidade”⁴⁵ (YAVUZ, 2007, p. 11, tradução nossa).

No entanto, novo golpe militar em 1971 ocorre na Turquia e, com isso, nova repressão à atividade política curda é instaurada – somente até 1973, uma vez que “as organizações curdas já haviam se tornado cada vez mais radicalizadas; as organizações marxistas buscavam não apenas o desenvolvimento do Curdistão, mas também maior autonomia”⁴⁶ (DAHLMAN, 2002, p. 280, tradução nossa). A década de 1970 foi de grande relevância para o cenário do Oriente Médio, especialmente pelo grande impacto da luta dos curdos iraquianos pela independência. Sendo assim, e refletida internamente a questão étnico-nacional curda, em 27 de novembro de 1978, Abdullah (Apo) Öcalan cria o Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK), na Turquia.

3 O POVO CURDO NA TURQUIA

Este capítulo se propõe a explorar eventos que moldaram a trajetória do PKK e seu impacto multifacetado na unicidade curda. A primeira parte é dedicada ao estudo dos intensos anos 1980 e 1990, em que se há o resgate da identidade curda e, com isso, ressalta-se a contrariedade turca, dada por meio de campanhas militares para o combate direto ao PKK. Já a segunda parte diz respeito a como o PKK sobreviveu e se reinventou nos anos 2000, após a prisão de Öcalan, assim como observa-se a aproximação de relações com o governo turco e consequentes expectativas de paz entre 2009 e 2015 e, também, a ruptura dessa tentativa política com a invalidação das eleições de junho de 2015 e forte repressão contra os curdos nos anos que se seguiram. Contextualiza-se, portanto, o surgimento do PKK como um ator de influência que não apenas redefiniu as dinâmicas étnico-políticas, mas também pôs em evidência sua forte capacidade de desencadear movimentações

⁴⁵ The DDKO blended Marxism and Kurdish nationalism to mobilize the youth in the name of social justice and identity (YAVUZ, 2007, p. 11).

⁴⁶ The Kurdish organizations had, by now, become increasingly radicalized; Marxist organizations sought not only the development of Kurdistan, but greater autonomy, as well (DAHLMAN, 2002, p. 280).

importantes na conjuntura geoestratégica do Oriente Médio durante toda a sua existência.

3.1 O PKK E SUA INFLUÊNCIA ENTRE OS CURDOS

A expressividade dos movimentos nacionalistas curdos intensificou-se, portanto, em meio a um turbulento contexto de expansão da ideologia socialista para o ocidente, em escala internacional, combinado com a grave repressão turca a quaisquer referências àquilo que não fosse considerado parte do nacionalismo que governa o Estado. Durante as décadas de 1960 e 1970, moldou-se, de acordo com esta conjuntura, a formação da identidade curda moderna.

Com a difusão da educação universal e a liberalização sociopolítica como resultado da Constituição de 1961, novos intelectuais modernos, em vez de líderes tribais e religiosos, começaram a moldar a identidade curda. Sob a Constituição de 1961, os intelectuais curdos expressaram a preocupação e as queixas curdas em idiomas socialistas para promover a autodeterminação dos curdos⁴⁷ (YAVUZ, 2007, p. 9, tradução nossa).

O Golpe Militar de 1971 possuiu grande influência no processo formador do PKK, ao passo que, já participante das atividades políticas curdas na Turquia, Öcalan vivencia a formação de seus ideais revolucionários durante os sete meses, do mesmo ano, em que esteve preso por ter sido “considerado culpado por participar de um protesto ilegal contra o incidente de Kızıldere na Faculdade de Ciências Políticas de Ankara”⁴⁸ (ÖZCAN, 2006, p. 78, tradução nossa). Öcalan coloca este como o marco inicial: “Se eu tivesse que indicar uma data de início, um dos mais importantes o início seria este [o evento Kızıldere] porque eu estava preso e esses meses foram um período de incubação para mim”⁴⁹ (ÖCALAN, 1995, *apud* ÖZCAN, 2006, p. 78, tradução nossa). O caráter naturalmente persuasivo da figura de Öcalan, assim como o de suas afirmações, promoveu-o organicamente à condição de líder daquele movimento. Diz ele:

⁴⁷ With the spread of universal education and the socio-political liberalization as a result of the 1961 Constitution, new modern intellectuals rather than tribal and religious leaders started to shape Kurdish identity. Under the 1961 Constitution, Kurdish intellectuals expressed Kurdish concern and grievances in socialist idioms to promote the self-determination of the Kurds (YAVUZ, 2007, p. 9).

⁴⁸ Found guilty of taking part in an illegal protest against the Kızıldere incident in the Political Science Faculty of Ankara (ÖZCAN, 2006, p. 78).

⁴⁹ If I were to state a commencement date, one of the most important beginnings would be this [the Kızıldere event] because I was imprisoned and these months were an incubation period for me (ÖZCAN, 2006, p. 78).

No final do ano [1972] fomos libertados. Eu ainda me lembro; a primeira coisa que tive que fazer foi passar nos exames em quinze dias e ter direito a cursar o segundo ano da faculdade. Assim que consegui isso, tive reuniões individuais no maior sigilo com cada pessoa provável do núcleo do grupo. A ideia do colonialismo estava surgindo naquela época. A questão curda é uma questão colonial', eu disse. Ninguém tinha pensado em tal diagnóstico [sobre o Curdistão], se bem se lembram. Mas os termos 'Curdistão', 'colônia' me vieram à mente... [...] quando eu ia contar para alguém eu costumava ir para a sala mais profunda, se houvesse duas portas eu fechava as duas, e eu simplesmente sussurrava nos ouvidos⁵⁰ (ÖCALAN, 1995, *apud* ÖZCAN, 2006, p. 78, tradução nossa).

Reuniões posteriores, como a de Tuzlucaıyır, em 1974, e a de Dikmen, em 1976, ambas regiões componentes da capital Ancara, foram efetuadas para a definição do grupo. Özcan ressalta que, nesta segunda, um dos fatores-chave foi a determinação de “retornar ao Curdistão”, objetivando ser a “primeira determinação organizacional para empreender não uma imitativa, mas uma revolução real”⁵¹ (ÖZCAN, 2006, p. 83, tradução nossa). Aponta, Özcan, sobre a segunda reunião:

Primeiro, um comitê “central” composto por Öcalan, Haki Karer e Kamer Özkan foi eleito para liderar o grupo. Este foi o primeiro comitê organizacional da história do movimento. Mas em termos de liderança de Öcalan, foi a primeira e última eleição organizacional na história do PKK⁵² (ÖZCAN, 2006, p. 82, tradução nossa).

Em 1977, aliado à proposta de retorno ao Curdistão, diversas reuniões foram estabelecidas no sudeste turco, cujos objetivos eram disseminar a propaganda do ideal revolucionário em formação. O grupo que viria a se tornar o PKK, no entanto, encontrava dificuldades para relacionar-se com seus pares de esquerda por dois fatores: o primeiro dizia respeito à falta de material publicado; o segundo, por ainda não ser um partido formado. As querelas advindas dessa fraqueza estrutural, também, levaram ao assassinato de um membro do comitê de liderança, Haki Karer, que se tornou, assim, o “primeiro mártir” do grupo Apocular – aquele que segue Apo

⁵⁰ Towards the end of the year [1972] we were released. I still remember; the first thing I had to do was to pass my exams in fifteen days and have the right to attend the second year of the faculty. As soon as I achieved that, I had one-to-one meetings in the utmost secrecy with each individual probable person for the nucleus of the group. The idea of colonialism was emerging at that time. The Kurdish question is a colonial matter', I said. Nobody had thought of such a diagnosis [about Kurdistan] if you remember. But the terms 'Kurdistan', 'colony' came to my mind... [...] when I was going to tell someone I used to go to the deepest room, if there were two doors I shut them both, and I was simply whispering into the ears (ÖCALAN, 1995, p. 44).

⁵¹ First organizational determination towards undertaking not an imitative but a real revolution (ÖZCAN, 2006, p. 83).

⁵² First, a 'central' committee composed of Öcalan, Haki Karer and Kamer Özkan was elected to lead the group. This was the first organizational committee in the history of the movement. But in terms of Öcalan's leadership, it was the first and last organizational election in the PKK's history (ÖZCAN, 2006, p. 82).

(Öcalan). Esta foi a motivação encontrada para a fundação do PKK: percebendo a fraqueza – e potencial – do ideário, Küçük comenta:

O processo de 1977 a 1978 foi determinante para decidir se “seremos um partido ou continuaremos como um grupo”. Depois de muita dificuldade, chegamos ao ponto: ‘Vamos dar um nome para o partido; somos fracos, somos impotentes, mas seria pelo menos bom se o nome de um partido ficasse na história’⁵³ (KÜÇÜK, 1993, *apud* ÖZCAN, 2006, p. 84, tradução nossa).

A partir disso, foram tomados esforços para a elaboração de seu Manifesto, o “Caminho para a Revolução do Curdistão”⁵⁴, amplamente divulgado para a reunião de Fis, em novembro de 1978. Nela, surge o PKK, com Öcalan ocupando o cargo de Secretário Geral e com um Comitê Central de 6 membros. Além disso, é criada a revista *Serxwebûn* – independência, em curdo –, peça-chave do partido e publicada mensalmente. “A partir de então, todos os comunicados seriam assinados com o nome do partido, PKK”⁵⁵ (ÖZCAN, 2006, p. 84, tradução nossa).

A natureza dos movimentos revolucionários a partir da liderança de Öcalan pode ser, inicialmente, entendida como contraditória, haja vista que as propostas de independência curda e a de uma revolução turca pareciam aproximar-se em um discurso único. De acordo com Özcan, “a dupla natureza da liderança do ‘Movimento Nacional Curdo’ na Turquia não foi apenas uma característica do movimento no início, mas sempre foi o caso no PKK, em graus variados”⁵⁶ (ÖZCAN, 2006, p. 79, tradução nossa). Em consonância a isso, Özcan também ressalta a criação do slogan utilizado nos anos seguintes pelo PKK: “A Revolução da Turquia precisa passar pelo Curdistão”.

No entanto, ainda que o objetivo último possa ser confundido, os meios possuem características distintivas e determinantes para a identidade do partido: o Manifesto, carro-chefe do PKK, definiu, inicialmente, o grupo como “uma organização política sob a orientação do socialismo científico que perseguiria a

⁵³ The process from 1977 to 1978 was a determining process to decide whether ‘we shall be a party or continue as a group’. After having a very hard time, we had come to the point: ‘Let’s give ourselves a party name; we are weak, we are powerless but it would at least be good if a party name was to go down in history’ (KÜÇÜK, 1993, *apud* ÖZCAN, 2006, p. 84).

⁵⁴ *Kürdistan Devriminin Yolu*.

⁵⁵ From then on, all communiques would be signed with the party name, the PKK (ÖZCAN, 2006, p. 84).

⁵⁶ The twofold nature of the leadership of the ‘Kurdish National Movement’ in Turkey was not just a characteristic feature of the movement at the outset, but has always been the case in the PKK to varying degrees (ÖZCAN, 2006, p. 79).

‘tarefa sagrada e histórica’ de liderar a ‘Revolução do Curdistão’⁵⁷ (ÖCALAN, 1978, *apud* ÖZCAN, 2006, p. 86, tradução nossa). Além disso, partindo da concepção dos curdos como um povo colonizado, o partido utilizou-se do arcabouço teórico marxiano do materialismo histórico, relacionando-o diretamente com as políticas imperialistas ocidentais da época, “com referências frequentes aos termos ‘sociedades de classes’, ‘luta de classes’, ‘mais-valia’ e ‘exploração do trabalho’, e assim por diante”⁵⁸ (ÖZCAN, 2006, p. 86, tradução nossa). Özcan elenca, em nove pontos, as principais convicções da era inicial do PKK, resumidas do Manifesto:

A nossa era é a era da transição do capitalismo para o socialismo e para as revoluções proletárias; o Curdistão é uma colônia interestadual; uma luta de libertação nacional é um dever inevitável para conquistar a liberdade e a independência do povo Curdo; a revolução do Curdistão será nacional e democrática, e o fim último seria, a longo prazo, a revolução socialista com uma transição ininterrupta para uma sociedade “sem classes e não exploradora”; o objetivo político da revolução é estabelecer um Curdistão independente, unido e democrático; a revolução deve ser liderada por um partido revolucionário do proletariado que precisa ser iniciado por uma “minoría” composta por jovens patrióticos e intelectuais (iluminados) dissociados da produção material; a base social primária e a classe dirigente da revolução têm de ser, apesar da sua fraqueza numérica e ideológica, a classe trabalhadora. A base social secundária da revolução e principal aliado da classe trabalhadora é o campesinato e a pequena burguesia urbana. Os aliados internacionais são os países socialistas, os partidos da classe trabalhadora dos países capitalistas e os movimentos de libertação dos povos oprimidos do mundo; os alvos da revolução são os conquistadores do Curdistão (o Estado turco) e os seus colaboradores feudais nativos, e as potências imperialistas por trás deles; o uso conjunto de formas de luta ideológicas, políticas e militares é necessário para o sucesso da libertação nacional da colônia do Curdistão⁵⁹ (ÖZCAN, 2006, p. 87, tradução nossa).

⁵⁷ A political organization under the guidance of scientific socialism which would be pursuing the ‘holy and historical task’ of leading the ‘Kurdistan Revolution (ÖCALAN, 1978, *apud* ÖZCAN, 2006, p. 86).

⁵⁸ With frequent references to the terms ‘class societies’, ‘class struggle’, ‘surplus value’, and ‘labour exploitation’, and so on (ÖZCAN, 2006, p. 86).

⁵⁹ Our era is the era of transition from capitalism to socialism and proletarian revolutions; Kurdistan is an inter-state colony; a national liberation struggle is an unavoidable duty in order to gain the freedom and independence of the Kurdish people; The Kurdistan revolution shall be a national and democratic one, and the ultimate end would, in long term, be the socialist revolution with an uninterrupted transition to a ‘classless and non-exploitative’ society; the revolution’s political objective is to establish an independent, united and democratic Kurdistan; the revolution must be led by a revolutionary party of the proletariat which needs to be initiated by a ‘minority’ composed of patriotic youth and intellectuals (enlightened) who are disassociated from material production; the primary social base and the leading class of the revolution have to be, in spite of its numerical and ideological weakness, the working class. The secondary social base of the revolution and senior ally of the working class are the peasantry and the urban petty bourgeois. The international allies are socialist countries, the working class parties of capitalist countries and the liberation movements of oppressed peoples of the world; the targets of the revolution are the conquerors of Kurdistan (the Turkish state) and its native feudal-collaborators, and the imperialist powers behind them; the all-in-one use of ideological, political and military forms of the struggle is necessary for the success of the national liberation of the colony Kurdistan (ÖZCAN, 2006, p. 87).

Disso, evidencia-se a inclinação para a luta armada presente no partido. Caráter comum, no entanto, de grande parte dos partidos concomitantes que reclamavam o mesmo objetivo, como o PPKK (Partido dos Trabalhadores de Vanguarda do Curdistão)⁶⁰, o TKSP (Partido Socialista do Curdistão)⁶¹ e o PRK (Partido de Libertação do Curdistão)⁶². Ainda, Öcalan pôs esforços em concretizar estas movimentações, tornando o tema peça central da propaganda revolucionária.

Parte do extremismo inicial do PKK surge “em reação aos ‘colaboradores reformistas’ curdos e aos ‘social-chauvinistas’ turcos”⁶³ (ÖZCAN, 2006, p. 91, tradução nossa). Isso porque, no início dos anos 1980, dada a explosão nacionalista curda, tornava-se crescente a possibilidade de limitar-se a emancipação, como, por exemplo, à condição do Curdistão como uma federação, ainda pertencente ao Estado da Turquia. Obras publicadas pelo PKK entre 1981 e 1985 ressaltam, de acordo com Özcan, “o triângulo estrutural do PKK: luta armada, uma organização que transcende a noção de classe e moldar personalidades adequadas a tal organização”⁶⁴ (ÖZCAN, 2006, p. 92, tradução nossa).

Outro fator central é o novo Golpe Militar, em 1980: seu aspecto central é o foco na erradicação das ideologias contrárias ao kemalismo. Assim como as demais ideologias de esquerda e o extremismo islâmico, os curdos foram alvo da repressão militar turca. De acordo com Bozarслан, “como parte desta ‘terapia kemalista’, o regime militar proibiu qualquer símbolo curdo, incluindo o uso oral da língua curda”⁶⁵ (BOZARSLAN, 2001, p. 46, tradução nossa). O PKK, que era inicialmente reprovado por boa parte da população curda devido à violência inerente a seu *modus operandi*, passou a obter maior apoio popular a partir desta violência estrutural e instrumental kemalista: “a repressão generalizada por parte do regime militar transformou o marginal PKK num defensor da dignidade curda, provocando simpatia por ele tanto entre os jovens como entre as populações urbanas”⁶⁶ (BOZARSLAN, 2001, p. 46-47,

⁶⁰ *Partiya Pêşenga Karkerên Kurdistan*, known as *Şivancılar* (ÖZCAN, 2006, p. 87).

⁶¹ Known as *Özgürlük Yolu* Freedom Path (ÖZCAN, 2006, p. 87).

⁶² *Partiya Rizgarîya Kurdistan*, also known as Rizgari (Liberation) (ÖZCAN, 2006, p. 87).

⁶³ In reaction to Kurdish ‘reformist-collaborators’ and Turkish ‘social chauvinists’ (ÖZCAN, 2006, p. 91).

⁶⁴ The structural triangle of the PKK: armed struggle, an organization that transcends the notion of class and moulding personalities appropriate to such an organization (ÖZCAN, 2006, p. 92).

⁶⁵ As a part of this “Kemalist therapy” the military regime prohibited any symbol of Kurdishness, including the oral use of the Kurdish language (BOZARSLAN, 2001, p. 46).

⁶⁶ The generalized repression by the military regime transformed the marginal PKK into a defender of Kurdish dignity, provoking sympathy for it both among the youth and urban populations (BOZARSLAN, 2001, p. 46-47).

tradução nossa). Bozarslan aponta, também, a postura exclusivamente militar das políticas estatais contra as insurgências curdas; ou seja, este é um fator indissociável da natureza do grupo, dada a violência da conjuntura sociopolítica do período em que surgem os ideais e atividades do PKK. O golpe militar se fez, portanto, mais um dos fortes motivadores para a alavancagem da imponência do PKK nos anos seguintes, como ressalta Yavuz: “em suma, a opressão do golpe de 1980 teve o impacto oposto ao politizar e fortalecer ainda mais o sentido de identidade curda e isto, por sua vez, foi utilizado pelo PKK”⁶⁷ (YAVUZ, 2001, p. 10, tradução nossa).

Esta nova interface de influência estabelecida entre o PKK e a população curda fomentou, também, o direcionamento da coesão étnica curda para o espectro nacionalista, distanciando-se dos aspectos tribais e religiosos que compõem a identidade desse povo. Isto implicou, também, a mudança na concepção do relacionamento com os turcos; como explica Yavuz:

Os nacionalistas curdos empregaram “repertórios de violência”, que vão desde a campanha terrorista liderada pelo PKK até à criação de partidos majoritariamente curdos, até à luta pelos direitos culturais e políticos. Muitos turcos sentem que a exclusão e o racismo são problemas de intolerância e ódio individuais, enquanto os curdos muitas vezes os entendem como uma intrincada rede de atitudes individuais e mensagens culturais sobre os curdos marginalizados. A percepção curda das realidades sociopolíticas da Turquia é filtrada através deste novo nacionalismo curdo⁶⁸ (YAVUZ, 2001, p. 11, tradução nossa).

A formação politizada dessa consciência nacional curda, portanto, distinguiu-os dos outros grupos de esquerda do país. A abordagem do PKK, sobre o contexto político turco, visava popularizar e trazer à tona as bases da identidade turca: o grupo “encorajou os Curdos a criticarem não a ‘autoridade política’ em Ancara, mas sim o nacionalismo turco como uma construção, a fim de legitimar o seu próprio nacionalismo separatista”⁶⁹ (YAVUZ, 2001, p. 11, tradução nossa). Assim,

⁶⁷ In short, the oppression of the 1980 coup had the opposite impact by further politicizing and strengthening the Kurdish sense of identity and this, in turn, was used by the PKK (YAVUZ, 2001, p. 10).

⁶⁸ Kurdish nationalists have employed 'repertoires of violence', ranging from the PKK- led terror campaign to the establishment of mainly Kurdish parties, to the struggle for cultural and political rights. Many Turks feel that exclusion and racism are problems of individual bigotry and hatred, while the Kurds often understand it as an intricate web of individual attitudes and cultural messages about marginalized Kurds. The Kurdish perception of Turkey's socio-political realities is filtered through this new Kurdish nationalism (YAVUZ, 2001, p. 11).

⁶⁹ Encouraged Kurds to criticize not the 'political authority' in Ankara, but rather Turkish nationalism as a construct, in order to legitimize their own separatist nationalism (YAVUZ, 2001, p. 11).

Após os preparativos organizacionais em termos de estrutura e requisitos militares materiais – juntamente com a eliminação firme das “vozes dissidentes” dentro do partido – a ofensiva histórica que marcou o início da “guerra de baixa intensidade” de 15 anos entre o PKK e a Turquia entrou no seu período de materialização em 15 de agosto de 1984⁷⁰ (ÖZCAN, 2006, p. 170, tradução nossa).

O período que compreende 1984 a 1999 corresponde à luta armada do PKK contra o Estado turco e é dividido em duas fases, de acordo com Özcan. A primeira, durando até 1990, possui três características principais: a primeira delas diz respeito à maneira pela qual o Estado inicialmente tratou a insurgência do PKK.

Em primeiro lugar, o aspecto inicial começa com uma falsa dicotomia entre ambas as partes na compreensão da verdadeira extensão do “Golpe⁷¹ de 15 de agosto”. Enquanto os funcionários do Estado desvalorizaram o “Primeiro Golpe” com excesso de confiança, a liderança do PKK ousou levar a cabo a ofensiva, mas com hesitação – nomeadamente, com falta de confiança⁷² (ÖZCAN, 2006, p. 171, tradução nossa).

Um dos efeitos do Golpe Militar de 1980 foi o excesso de confiança dos militares, em relação aos grupos rebeldes. Outro fator de subestimação a essa ofensiva, também relacionado à falta de confiança por parte dos curdos, como ressaltado por Özcan, deve-se ao fato de todas as tentativas anteriores terem sido intensamente reprimidas pelo Estado:

O Estado menosprezou as revoltas, acreditando que, à luz da sua “rica” experiência das anteriores “vinte e oito” tentativas, tinha pouco com que se preocupar. Por outro lado, os próprios protagonistas da primeira ofensiva estavam num estado espiritual pouco confiante devido às mesmas lições “ricas” e “impiedosas” de experiências passadas⁷³ (ÖZCAN, 2006, p. 171, tradução nossa).

⁷⁰ Following the organizational preparations in terms of both structure and material military requirements—along with the firm elimination of the ‘dissident voices’ within the party (ibid.: 37)—the historical offensive which marked the commencement of the 15-year ‘low intensity war’ between the PKK and Turkey entered in its materialization period on 15 August 1984 (ÖZCAN, 2006, p. 170).

⁷¹ Trata-se da primeira ofensiva direta do PKK ao Estado Turco, marcando o período, de guerra, subsequente.

⁷² First, the initial aspect begins with a false dichotomy between both parties in grasping the actual extent of the ‘15 August Blow’. While the state officials downgraded the ‘First Blow’ with an over-confidence, the PKK leadership dared to carry out the offensive, but with hesitation—namely, with under-confidence (ÖZCAN, 2006, p. 171).

⁷³ The state belittled the uprisings, believing that in the light of its ‘rich’ experience of the earlier ‘twenty-eight’ attempts it had little to worry about. On the other hand, the protagonists of the first offensive themselves were in an under-confident spiritual state due to the very same ‘rich’ and ‘pitiless’ lessons of past experiences (ÖZCAN, 2006, p. 171).

Os esforços do grupo, no entanto, direcionaram-se a fortalecer o PKK estruturalmente, ramificando-se por meio da criação de novas organizações dentro do partido: a Frente de Libertação Nacional do Curdistão (ERNK)⁷⁴, como a frente popular, foi criada em 1985, e o Exército Popular de Libertação do Curdistão (ARGK)⁷⁵, estabeleceu-se em 1986. Em 1987, esta estrutura organizacional passou por mais subdivisões: a frente popular dividiu-se, ainda, em quatro braços: o dos trabalhadores, dos intelectuais, da juventude e o das mulheres. Enquanto isso, a histórica diáspora curda viabilizou ao PKK estabelecer relacionamentos internacionais

Onde quer que pudesse ser encontrada uma população curda adequada, como a Rússia e outras repúblicas soviéticas, alguns países da Europa Oriental, Austrália, Arábia Saudita, Líbia, Grã-Bretanha, Canadá, etc., mas em particular todos os países da Europa Ocidental no final de 1989⁷⁶ (ÖZCAN, 2006, p. 172, tradução nossa).

O segundo aspecto, elencado por Özcan como “autodestrutivo”, é o combate ao “traidor” feudalismo da sociedade curda: “um número considerável de aldeias e aldeões foram atacados e muitos civis, incluindo mulheres e crianças, foram mortos nestes confrontos”⁷⁷ (BARKEY, FULLER, 1998, p. 147; AYDIN, 1992, p. 185, *apud* ÖZCAN, 2006, p. 173, tradução nossa). Além disso, muitas execuções internas ocorreram no PKK até o início da década de 1990, incluindo até membros do Conselho. Os motivos, generalizadamente, circundam traições, elementos hostis, ou ameaças ao Partido.

Por exemplo, 17 guerrilheiros proeminentes foram executados numa semana por um membro do comitê central que comandou a província de Maraş (sudoeste), Ali Ömürçan (Terzi Cemal), sob a acusação de ‘serem recrutados pelo inimigo como agentes’⁷⁸ (SERXWEBUN, 1993, *apud* ÖZCAN, 2006, p. 173, tradução nossa).

⁷⁴ Acrônimo curdo - *Eniye Rizgariye Navata Kurdistan*.

⁷⁵ Acrônimo curdo - *Artêşa Rizgarîya Gelê Kurdistan*.

⁷⁶ Wherever an adequate Kurdish population could be found, such as Russia and other Soviet republics, some Eastern European countries, Australia, Saudi Arabia, Libya, Britain, Canada, etc., but in particular all the countries of Western Europe by the end of 1989 (ÖZCAN, 2006, p. 172).

⁷⁷ A considerable number of villages and villagers were attacked and many civilians, including women and children, were killed in these clashes (BARKEY, FULLER, 1998, p. 147; AYDIN, 1992, p. 185, *apud* ÖZCAN, 2006, p. 173).

⁷⁸ For instance, 17 prominent guerrillas were executed in a week by a central committee member who was commanding Maraş (south-west) province, Ali Ömürçan (Terzi Cemal), on the accusations of ‘being recruited by the enemy as agents’ (SERXWEBUN, 1993, *apud* ÖZCAN, 2006, p. 173).

Inevitavelmente, isto criou uma atmosfera de corrupção e que ruiu a confiança interna do Partido. Tão forte foi o impacto que “Öcalan se queixou da abordagem ‘excessivamente formalizada’ dos militantes a si próprio, ao custo de pôr em risco a sua “autoridade carismática”⁷⁹ (ÖZCAN, 2006, p. 173, tradução nossa).

O terceiro aspecto da fase inicial da luta armada, por sua vez, diz respeito ao isolamento, em relação a “toda a gama de nacionalistas curdos e grupos esquerdistas turcos”⁸⁰ (GUNTER, 1990, p. 62, 66, *apud* ÖZCAN, 2006, p. 174, tradução nossa). Isto ocorreu, segundo Sheri Laizer, também pelo fato desses outros grupos dependerem de forças alheias para a tomada de suas decisões:

O PKK opôs-se à fusão com outros partidos curdos, todos eles inevitavelmente rotulados de “reformistas”. Sempre tomou as suas decisões políticas sem consultas, sendo altamente crítico dos outros partidos políticos curdos e dos seus líderes. O partido afirma depender apenas do povo curdo e de si próprio, recusando-se a contar com o apoio duvidoso de movimentos externos ou de nações onde não exista uma boa razão para o fazer - a história ilustrou que o povo curdo foi traído por potências estrangeiras em todos os momentos. ocasião em que um líder curdo confiou neles⁸¹ (LAIZER, 1996, p. 90-91, *apud* ÖZCAN, 2006, p. 174, tradução nossa).

Compreensível não só pelas tantas acusações de traição ocorridas no período, mas também pelo histórico de apoio – ou inação – de Estados, ou Organizações Internacionais, à Turquia: o PKK enunciava direta e indiretamente, por meio do insulamento induzido, os fatos que a conjuntura sociopolítica, há décadas, fabricou. Foi capaz, assim, de conquistar o apoio de grande parte dos curdos, tornando-se um dos principais veículos de influência à sociedade curda.

O marco que distingue o primeiro do segundo momento da luta armada curda são as insurgências de março de 1990, em regiões menos integradas do sudeste turco – habitadas majoritariamente por curdos. A essa altura, a concepção de luta armada como forma de resistência já era amplamente difundida pelos órgãos de propaganda do Partido e o grupo angariava novos membros em larga escala.

⁷⁹ Öcalan complained about the militants’ ‘over-formalized’ approach to himself, at the cost of jeopardizing his ‘charismatic authority’ (ÖZCAN, 2006, p. 173).

⁸⁰ Whole range of Kurdish nationalists and Turkish leftist groups (GUNTER, 1990, p. 62, 66, *apud* ÖZCAN, 2006, p. 174).

⁸¹ The PKK was opposed to amalgamation with other Kurdish parties, all of which it inevitably labelled ‘reformist’. It has always taken its political decisions without consultations, being highly critical of the other Kurdish political parties and their leaders. The party claims to depend solely on the Kurdish people and on itself, refusing to rely on the dubious support of outside movements or nations where no good reason exists for doing so— history having illustrated that the Kurdish people have been betrayed by foreign powers on every occasion that a Kurdish leader relied on them (LAIZER, 1996, p. 90-91, *apud* ÖZCAN, 2006, p. 174).

Evidência disso é a necessidade de, temporariamente, “suspender o recrutamento para a sua força de guerrilha em vários pontos desde 1991, devido à incapacidade de treinar adequadamente o grande número de recrutas que se aproximavam”⁸² (WHITE, 2000, p. 197 *apud* ÖZCAN, 2006, p. 175, tradução nossa).

Isto marcou a primeira metade dessa década. “A ‘liderança tática’ do PKK, em consequência, desfrutava do seu auge organizacional”⁸³ (ÖZCAN, 2006, p. 175, tradução nossa) e a propaganda política das revistas do PKK indicava a forte confiança do grupo acerca da independência do Curdistão Turco. As insurgências duraram cerca de quatro anos antes de serem contornadas pelo Estado, mas garantiram a nova característica do movimento: a mobilização politizada, nacionalista, agora se manifestava em massa, pela população. Laizer ainda pontua que:

Depois de 1992 e da guerra no sul do Curdistão, o PKK emergiu como o único partido curdo naquele conflito específico cujos feitos correspondiam às suas máximas. Isto trouxe ao PKK um apoio ainda maior tanto no norte como no sul do Curdistão⁸⁴ (LAIZER, 1996, p. 90, *apud* ÖZCAN, 2006, p. 176, tradução nossa).

Entretanto, embora a organização assumisse o principal papel de resguardar os interesses curdos, a inerente natureza tribal desse povo o impedia de ter a transformação social proposta por Öcalan, por meio da educação do partido. Isto por conta da evidente dissonância entre a ideia de uma sociedade igualitária e a posição de uma liderança central absoluta e, ainda, pelo histórico apego das sociedades curdas a seus líderes regionais. A tentativa de mudança promovida pelo PKK não foi capaz de concretizar a autodeterminação curda sem depender de um líder. Disto decorre que, Öcalan, em posição central e naturalmente carismático, desenvolveu os efeitos contrários, não só pelo apego de seus seguidores, mas também pelo corpo burocrático do partido: “a ‘chave mágica’ foi bem utilizada pelos funcionários administrativos da organização para a sua ‘institucionalização’ no decurso da

⁸² To close off recruitment to its guerrilla force at several points since 1991, due to an inability to properly train the large numbers of recruits coming forward (WHITE, 2000, p. 197 *apud* ÖZCAN, 2006, p. 175).

⁸³ The ‘tactical leadership’ of the PKK, in consequence, was enjoying its organizational peak (ÖZCAN, 2006, p. 175).

⁸⁴ After 1992 and the war in south Kurdistan, the PKK emerged as the only Kurdish party in that particular conflict whose deeds matched its maxims. This brought the PKK even greater support in both north and south Kurdistan (LAIZER, 1996, p. 90, *apud* ÖZCAN, 2006, p. 176).

‘rotinização’ do carisma de Apo”⁸⁵ (ÖZCAN, 2006, p. 191, tradução nossa). Ou seja, tal carisma era visto como objeto de poder entre os membros do partido, que era “carregado em nome da lealdade à liderança”⁸⁶ (SERXWEBUN, 1999, p. 16 *apud* ÖZCAN, 2006, p. 191, tradução nossa), a fim de validar ou invalidar comportamentos próprios e alheios. Atitude, também, relacionada à qualidade do mecanismo de crítica e autocrítica: uma vez que o objetivo do grupo era a “invenção do homem reumanizado”, a coevolução pela crítica aparentava ser um bom caminho. Sobre isso, Özcan discorre:

Geralmente, não surgem dúvidas sobre como encontrar as falhas e defeitos dos outros e, conseqüentemente, nenhuma dificuldade discernível é encontrada durante o envolvimento na crítica. No entanto, o instrumento de autocrítica foi metamorfoseado no instrumento de “auto-velamento” ou “auto-disfarce” da autoridade burocrática na estrutura organizacional devido às complicações organizacionais acima expostas⁸⁷ (ÖZCAN, 2006, p. 191, tradução nossa).

Öcalan, um ano antes de sua captura, já apontava descontentamento com a atuação do PKK: “95 por cento do PKK é o PKK ao qual me oponho; não quero esse PKK, vou renunciar a ele [...] se o curso atual [dos acontecimentos] continuar, se vocês permanecerem inalterados como estão agora, eu os deixarei” (SERXWEBUN, 2000, *apud* ÖZCAN, 2006, p. 180). Para Özcan, o percurso do partido estava diretamente relacionado à liderança de Apo, já que este era a influência máxima para o PKK e materiais de autoria própria ou relacionados diretamente a seu discurso verbal “abrangem mais de 150.000 páginas A5 – [e são] o material básico da educação não militar do partido. Naturalmente, décadas de ‘inculcação educacional’ concentrada em certos assuntos estariam, até certo ponto, fadadas à repetição”⁸⁸ (ÖZCAN, 2006, p. 180, tradução nossa). Além disso, considerando a

⁸⁵ The ‘magic key’ has been well utilized by the administrative staff of the organization for their self-contained ‘institutionalization’ in the course of ‘routinization’ of the Apo charisma (ÖZCAN, 2006, p. 191).

⁸⁶ Carried out in the name of loyalty to the leadership (SERXWEBUN, 1999, p. 16 *apud* ÖZCAN, 2006, p. 191).

⁸⁷ Generally, no questions arise about finding the faults and defects of others, and consequently no discernible difficulties are met while engaging in critique. However, the instrument of self-critique has been metamorphosed into the ‘self-veiling’ or ‘self-disguising’ instrument of bureaucratic authority in the organizational structure due to the organizational complications set out above (ÖZCAN, 2006, p. 191).

⁸⁸ Spanning more than 150,000 A5 pages—the basic material of the party’s non-military education. Naturally, decades of an ‘educational inculcation’ concentrating on certain matters would have been doomed to repetition to some extent (ÖZCAN, 2006, p. 180).

estrutura tribal da sociedade curda para a compreensão dos objetivos revolucionários, Öcalan via dificuldades em progredir:

Nossas análises são todas compostas por uma repetição. Apesar de eu tentar renovar, os seus estados de incrível progresso em câmera lenta nos obriga a repetir, e como nos obriga, somos levados a cada vez mais dificuldades. Isso, então, reduz nossa produtividade. Tenho a impressão de que vocês estão gradualmente poluindo a vida [no partido] mais do que antes, no momento. Vocês estão obstruindo o caminho para uma vida fluente e atraente. Vocês não têm o direito de fazer isso. O primeiro pré-requisito para a educação é considerar a compreensão séria como preocupação fundamental⁸⁹ (ÖCALAN, 1994, p. 481, *apud* ÖZCAN, 2006, p. 181, tradução nossa).

Com isso, outro fator de influência para o declínio do partido a este ponto foi o crescimento da corrupção dentro das camadas de liderança do partido. O poder que o carisma de Apo conquistou “teve o seu reflexo entre os ‘principais dirigentes [do partido]’ como incontáveis ‘mini Öcalans’ cujo poder começou a exceder o poder de Öcalan nos termos mais duros e absolutos”⁹⁰ (ÖZCAN, 2006, p. 184, tradução nossa), e, ruindo a estrutura interna a partir de disputas entre os “antigos membros que mantêm o poder e os novos membros que buscam o poder”⁹¹ (ÖZCAN, 2006, p. 185, tradução nossa), enfraqueceu-se o espírito revolucionário do PKK durante a segunda metade dos anos 1990.

Ao mesmo tempo que Öcalan encontrava dificuldades para transformar as “maneiras curdas”⁹², não mais via futuro no PKK sob sua liderança. De certo percebera a relação negativa de seu comando centralizado e indispensável ao partido, ao passo que sua integridade se mostrava ameaçada, dada a conjuntura à qual o PKK estava imerso: não só pelas falhas estruturais, mas “também porque a Turquia obtinha apoio dos relatórios quantitativos da sua Organização Nacional de Inteligência (MİT), que quase certamente recebia informações de satélite dos Estados Unidos” (ÖZCAN, 2006, p. 179, tradução nossa). Ou seja, ambos os

⁸⁹ Our analyses are all composed of a repetition. Notwithstanding that I try to renew it, your state of incredible slowmotion progress compels us to repeat, and since it compels us we are driven into more and more difficulty. This, then, reduces our productivity. I have an inkling that you are gradually polluting the life [in the party] more than before at the present time. You are obstructing the way to a fluent and attractive life. You do not have the right to do this at all. The first prerequisite for education is to take serious comprehension as the fundamental concern (ÖCALAN, 1994, p. 481, *apud* ÖZCAN, 2006, p. 181).

⁹⁰ Had its reflection among the ‘trunk cadres’ as countless ‘mini Öcalans’ whose power began to exceed Öcalan’s power in the most harsh and absolute terms (ÖZCAN, 2006, p. 184).

⁹¹ Power-keeping old members and the power-seeking new members (ÖZCAN, 2006, p. 185).

⁹² Kurdish ways.

aspectos cruciais do grupo – o político e o militar – estavam comprometidos. Além disso, em 1997, os Estados Unidos haviam classificado o PKK como uma Organização Terrorista Internacional, o que possibilitou à Turquia ameaçar as bases do PKK na Síria, de onde, até então, Öcalan governava. Isto significou a intensificação da perseguição do líder curdo nos meios internacionais.

Ainda assim, os efeitos dessa “inculcação repetida” foram não menos eficazes na formação de uma consciência coletiva entre os membros do PKK – ainda que não a mais adequada para os propósitos revolucionários de Öcalan. Durante a fuga do líder curdo, que durou cerca de cinco meses – entre outubro de 1998 e fevereiro de 1999 – percorrendo diversos países da Europa e a África à procura de asilo político, realizaram-se diversas rebeliões em apoio a ele, como a “Marcha de Roma”, em novembro de 1998, por exemplo, que juntou de 10 mil a 30 mil pessoas, além de haverem sido promovidas “mobilizações em massa e atos horríveis de autoimolação individual”⁹³ (ÖZCAN, 2006, p. 10, tradução nossa), marcadas pela greve de fome “em todos os países europeus, escandinavos, caucasianos e do Oriente Médio e, em grande medida, na Rússia, nos EUA, no Canadá e na Austrália”⁹⁴ (ÖZCAN, 2006, p. 11, tradução nossa).

3.2 O PKK APÓS A PRISÃO DE ÖCALAN

Muito embora sua prisão tenha enfraquecido ainda mais as ambições revolucionárias do partido, Öcalan ainda é o homem central do PKK. Sua influência por meio dos aspectos anteriormente citados fez com que se mantivesse a rede de lealdade entre os membros do partido e demais apoiadores. Encarcerado em isolamento na ilha de İmralı – cuja prisão de mesmo nome foi ocupada somente por ele até 2009 – e tendo raro contato com os acontecimentos regionais e exteriores, além daqueles que são transmitidos pela rádio estatal turca, Öcalan comunica-se com seus apoiadores por intermédio de seus advogados e familiares:

Ele tem permissão para ver seus advogados turcos durante uma hora, uma vez por semana (nos primeiros anos, era duas vezes por semana) e seus parentes imediatos, uma hora por mês. Além disso, reúne-se ocasionalmente com os seus advogados europeus e com a delegação do

⁹³ Mass mobilizations and horrific acts of individual self-immolation (ÖZCAN, 2006, p. 10).

⁹⁴ All over the European, Scandinavian, Caucasian, and Middle Eastern countries, and to a considerable extent in Russia, US, Canada and Australia (ÖZCAN, 2006, p. 11).

Comité Europeu para a Prevenção da Tortura e das Penas ou Tratamentos Desumanos ou Degradantes⁹⁵ (AKKAYA, JONGERDEN, 2010, p. 146, tradução nossa).

Akkaya e Jongerden (2010) distinguem a governança de Öcalan em duas: a primeira, entre 1999 e 2005, se assimilava com os anos anteriores, em que sua atenção se direcionava, também, para as minuciosidades de rotina. Na segunda, desde 2005, ele concentrou-se especificamente na teorização e orientação estratégica do grupo:

Nos primeiros anos, até 2005, Öcalan preocupava-se com os detalhes do cotidiano e intervinha nas questões práticas da organização. Desde 2005, porém, ele tem se preocupado mais com questões gerais de estratégia, principalmente com a política mundial e regional contemporânea e com os desafios que o PKK enfrenta. Em vez de liderança tática e estratégica, ele agora exerce principalmente liderança estratégica⁹⁶ (AKKAYA, JONGERDEN, 2010, p. 146, tradução nossa).

Assim, em forma de “textos de defesa” divulgados principalmente pelos advogados e hasteados pelo PKK, os escritos de Öcalan tornaram-se o princípio norteador do partido. Embora fosse esperada certa postura extremista de Öcalan, por parte dos apoiadores do partido e da população curda (AKKAYA, JONGERDEN, 2010), os primeiros textos foram marcantes ao explicitar a guinada em sua postura com relação à independência do Curdistão: “ele rejeitou as reivindicações de um estado independente, propondo, em vez disso, uma nova república turca “verdadeiramente” democrática e um projeto de confederalismo democrático”⁹⁷ (AKKAYA, JONGERDEN, 2010, p. 151, tradução nossa), baseado especialmente no contexto histórico da tensão entre as duas partes nas décadas anteriores, nas quais “Öcalan afirmou que tinha lutado a favor de uma república democrática e, portanto, não contra a República. Öcalan argumentou que Mustafa Kemal também pretendia

⁹⁵ He is permitted to see his Turkish lawyers for one hour once a week (in the first years, it was twice a week) and his immediate relatives for na hour a month. In addition, he occasionally meets with his European lawyers and the delegation of European Committee for the Prevention of Torture and Inhuman or Degrading Treatment or Punishment (AKKAYA, JONGERDEN, 2010, p. 146).

⁹⁶ In the first years, until 2005, Öcalan was concerned with the nitty-gritty of daily affairs and intervened in the practical issues of the organization. Since 2005 though, he has been more concerned with general issues of strategy, mainly contemporary world and regional politics and the challenges the PKK faces. Instead of both tactical and strategically leadership, he now primarily exercises strategic leadership (AKKAYA, JONGERDEN, 2010, p. 146).

⁹⁷ He rejected claims for an independent state, proposing instead a new, ‘truly’ democratic Turkish republic, and a project of democratic confederalism (AKKAYA, JONGERDEN, 2010, p. 151).

estabelecer uma república democrática, mas foi confinado por forças externas”⁹⁸ (AKKAYA, JONGERDEN, 2010, p. 152, tradução nossa). Este é o contexto em que se declara o cessar-fogo unilateral do PKK ao Estado turco, encerrando a guerra de 15 anos que ocorria oficialmente desde 1984.

O segundo grupo de obras publicadas em nome de Öcalan foram mais teóricas do que práticas para os rumos do PKK, versando sobre a historicidade das sociedades e a relação delas com o surgimento de uma organização estatal. Nas obras, no entanto, “a sua principal preocupação era apresentar o Estado como o ‘Pecado Original’ da humanidade”⁹⁹ (AKKAYA, JONGERDEN, 2010, p. 152, tradução nossa). Esta crítica servia, inclusive, para os Estados socialistas. A teorização de Öcalan, a partir de 2002, portanto, focava na liberação curda não “através da construção do Estado, mas, sim, pelo aprofundamento da democracia”¹⁰⁰ (AKKAYA, JONGERDEN, 2010, p. 152, tradução nossa). O passo seguinte dado por Öcalan na sequência de suas obras foi adequar esta abordagem à realidade curda, analisando o histórico conflituoso entre este povo e seus colonizadores ao longo dos séculos. De acordo com Akkaya e Jongerden (2010), a interação da “sociedade natural” ou “comunidade” curda com o surgimento do Estado moderno é realçada nesta parte:

Para ele, as sociedades de classe (estatais) e a modernização causaram, portanto, destruição aos Curdos, e o PKK é considerado o locus da última resistência a este processo pernicioso. [...] Através deste trabalho, pretendeu avaliar a história do PKK, abordando erros do passado¹⁰¹ (AKKAYA, JONGERDEN, 2010, p. 152, tradução nossa).

Sendo assim, as soluções para a questão curda, de acordo com Öcalan, seguiam aquilo que ele denominou “democracia radical”. Contrapõem-se, aqui, os conceitos de democracia e nacionalismo: parte da revisão histórica promovida por Öcalan compreende a formação nacional turca, habilmente influenciada pela modernização sociocultural kemalista, “resultando em duras políticas de assimilação

⁹⁸ Öcalan stated that he had struggled in favour of a democratic republic, and thus not against the Republic. Öcalan argued that Mustafa Kemal had also intended to establish a democratic republic, but was confined by external forces (AKKAYA, JONGERDEN, 2010, p. 152).

⁹⁹ His main concern was to present the state as the ‘Original Sin’ of humanity (AKKAYA, JONGERDEN, 2010, p. 152).

¹⁰⁰ By means of state-building, but rather by the deepening of democracy (AKKAYA, JONGERDEN, 2010, p. 152).

¹⁰¹ For him, class (state) societies and modernization have, therefore, caused destruction for the Kurds, and the PKK is considered the locus of the last resistance to this pernicious process. [...] Through this work, he aimed to evaluate the history of the PKK, addressing past mistakes (AKKAYA, JONGERDEN, 2010, p. 152).

em relação aos curdos”¹⁰² (AKKAYA, JONGERDEN, 2010, p. 153, tradução nossa). O nacionalismo turco implicou, portanto, a discriminação étnico-cultural de sua própria diversidade. O enfoque teórico da democracia radical encontra raízes em dois sistemas de governo, dos quais um é a república democrática – que observa o distanciamento do nacionalismo nas relações entre Estado e população –, e outro é o confederalismo democrático – atualmente a principal forma política de reivindicação de independência curda. Esta é a forma democrática de auto governança:

‘Este projeto’, argumenta Öcalan, ‘baseia-se no autogoverno das comunidades locais e é organizado sob a forma de conselhos abertos, conselhos municipais, parlamentos locais e congressos maiores. Os próprios cidadãos são agentes deste tipo de autogoverno, e não autoridades estatais’¹⁰³ (AKKAYA, JONGERDEN, 2010, p. 153, tradução nossa).

O confederalismo democrático é um projeto cujo objetivo não se limita somente à realidade curda, mas, além disso, é o avanço da democratização no Oriente Médio o que a teoria se propõe a alcançar (ÖCALAN, 2016). Seus pilares centrais são o feminismo e o ecologismo, e Öcalan, na obra intitulada de mesmo nome, ressalta o caráter “flexível, multicultural, antimonopolista e orientado para o consenso” (ÖCALAN, 2016, p. 27). Isto está diretamente correlacionado à abertura para a existência de diversidade sociopolítica que, nesta forma de organização, possui total liberdade de “expressar a própria identidade cultural, étnica ou nacional com a ajuda de associações políticas” (ÖCALAN, 2016, p. 27-28). Contrapõe-se diretamente ao Estado, uma vez que Öcalan considera impossível dissociá-lo da estrutura capitalista de dominação de massas. Além deste, diversos são os fatores de distanciamento entre as duas formas de organização política:

Os Estados só administram, enquanto democracias governam. Os Estados são fundados no poder; as democracias são baseadas no consenso coletivo. Os cargos no Estado são determinados por decreto, ainda que possam, em parte, ser legitimados através de eleições. As democracias usam eleições diretas. O Estado usa a coerção como meio legítimo. As democracias se baseiam na participação voluntária (ÖCALAN, 2016, p. 27).

¹⁰² Resulting in harsh assimilation politics towards the Kurds (AKKAYA, JONGERDEN, 2010, p. 153).

¹⁰³ This project, Öcalan argues, ‘builds on the self-government of local communities and is organized in the form of open councils, town councils, local parliaments and larger congresses. The citizens themselves are agents of this kind of self-government, not state-based authorities’ (AKKAYA, JONGERDEN, 2010, p. 153).

O confederalismo democrático mostra-se, portanto, como uma alternativa ao Estado-nação, ao promover maior abertura social e menor monopolização – seja este de poder de polícia, de meios de produção etc. – e, assim, articula-se como uma das principais reivindicações políticas curdas na atualidade. Na prática, por exemplo, a revolução curda que ocorre desde 2011 em Rojava, região norte da Síria, baseia-se nesta teorização para seu autogoverno.

Esta guinada na construção ideológica do PKK, tornando-o menos radical em suas aspirações, foi essencial para a sobrevivência do partido, ao adaptar-se à nova realidade interna e do contexto político turco:

O PKK conseguiu manter politicamente vivas as exigências de identidade curda na Turquia. Isto foi possível principalmente através da elaboração de novas abordagens ideológicas e políticas, que criaram oportunidades para o PKK alargar o seu âmbito de interesses e atividades, criando assim mais espaço para uma esfera pública curda¹⁰⁴ (AKKAYA, JONDERGEN, 2010, p. 157, tradução nossa).

Este é o cenário no qual o PKK navega pelo século XXI. O cessar-fogo de 1999 deu lugar à nova luta armada curda a partir de 2004, a mando de Öcalan, uma vez que as representações curdas cresciam – com a maior autonomia conquistada em outros países – e, também, tendo em vista a desatenção turca para com as reivindicações de melhores condições de vida no Sudeste. Muito mais enfraquecido em comparação com a década de 1990, o PKK, nos anos iniciais dessa nova insurgência, “adotou um novo *modus operandi* que enfatizava ataques [...] por pequenas equipes de guerrilheiros experientes”¹⁰⁵ (PLAKOUDAS, 2018, p. 51, tradução nossa). Ainda assim, foi efetivo ao chamar a atenção da AKP (Partido da Justiça e Desenvolvimento)¹⁰⁶ – partido do então primeiro-ministro Recep Tayyip Erdogan, que passou a considerar soluções pacíficas para a resolução do conflito. Com isso, “estas ações consolidaram a percepção do PKK como o defensor dos

¹⁰⁴ the PKK has managed to keep Kurdish identity demands in Turkey politically alive. This has been made possible mainly through the elaboration of new ideological and political approaches, which created opportunities for the PKK to enlarge its scope of interest and activities, thereby creating more space for a Kurdish public sphere (AKKAYA, JONDERGEN, 2010, p. 157).

¹⁰⁵ The PKK adopted a new *modus operandi* which emphasised raids by small teams of battle-hardened guerrillas (PLAKOUDAS, 2018, p. 51).

¹⁰⁶ Em turco – *Adalet ve Kalkınma Partisi*.

direitos dos Curdos da Turquia entre esta minoria étnica”¹⁰⁷ (PLAKOUDAS, 2018, p. 51, tradução nossa).

Em 2009, assim, os esforços por parte do Estado turco mostraram-se crescentes com relação à resolução do conflito por meios pacíficos, mas, principalmente pela razão de os partidos políticos curdos efetivamente terem angariado grandes quantidades de votos no Sudeste (PLAKOUDAS, 2018), o que representava um risco para a centralização do poder estatal. Inicialmente tendo tentado separar as esferas do PKK e da questão curda,

Erdogan e o AKP adotaram uma nova narrativa que enfatizava a irmandade entre turcos e curdos (principalmente numa base religiosa) e dividiu os curdos em “bons” (ou seja, aqueles curdos que viviam pacificamente e, talvez, votaram no AKP) e “maus” (ou seja, aqueles que lutaram sob a bandeira do PKK)¹⁰⁸ (PLAKOUDAS, 2018, p. 52, tradução nossa).

Após alguns meses, ainda em 2009, novo cessar-fogo unilateral foi anunciado pelo PKK, enquanto Erdogan inaugurou a “Abertura Democrática”, que, segundo Plakoudas (2018), compreendia uma série de garantia de direitos civis e culturais aos curdos, além de aliviar as restrições para a classificação de terroristas, como a determinação de crianças não poderem ser compreendidas como terroristas – provavelmente considerando a expressiva ramificação do PKK entre a população curda. No entanto, em outubro de 2009, ocorre novo conflito entre as partes:

Quando [...] a “caravana da paz” de 34 combatentes do PKK foi recebida com júbilo pelos partidos curdos e pela população, o AKP – sob pressão da opinião pública nacionalista e dos partidos políticos – manifestou uma reação instintiva. A polícia prendeu 414 altos membros do DTP¹⁰⁹ e, em dezembro desse ano, o Tribunal Constitucional encerrou o DTP (tal como os seus antecessores na década de 1990) devido aos seus laços com o PKK. Os confrontos entre o PKK e o TSK recomeçaram e a paz parecia distante¹¹⁰ (PLAKOUDAS, 2018, p. 52, tradução nossa).

¹⁰⁷ These actions cemented the perception of the PKK as the advocate of the rights of Turkey's Kurds among this ethnic minority (PLAKOUDAS, 2018, p. 52).

¹⁰⁸ Erdoğan and the AKP adopted a new narrative which emphasised the brotherhood of Turks and Kurds (mainly on a religious basis) and divided the Kurds into “good” (i.e. those Kurds who lived peacefully and, maybe, voted for the AKP) and “bad” (i.e. those who fought under the banner of the PKK) (PLAKOUDAS, 2018, p. 52).

¹⁰⁹ DTP, em turco, *Demokratik Toplum Partisi* e em curdo *Partiya Civaka Demokratik*. O Partido Democrático da Sociedade, em tradução livre para o português, foi um partido nacionalista curdo, banido em 2009.

¹¹⁰ When [...] the “peace caravan” of 34 PKK fighters was welcomed by the Kurdish parties and population jubilantly, the AKP —under pressure from the nationalist public opinion and political parties—manifested a knee-jerk reaction. The police arrested 414 top members of the DTP and, in December that year, the Constitutional Court closed down the DTP (just like its predecessors in the

Ao mesmo tempo em que esta conjuntura se mostrava irresoluta para a causa curda ou para a Turquia de maneira geral, discutiam-se, secretamente em Oslo, na Noruega, possíveis soluções entre as partes conflitantes. Ainda, em 2010 e 2011, devido a processos de emenda constitucional e eleições parlamentares, o PKK visa assumir certo “perfil como um partido pró-democracia e, em segundo lugar, garantir a participação harmoniosa dos Curdos nas eleições gerais”¹¹¹ (PLAKOUDAS, 2018, p. 53, tradução nossa). Tendo o resultado sido positivo para os curdos nas eleições, recebendo quase metade dos votos nas províncias curdas (YEGEN, 2015), a democratização étnica na Turquia fazia-se cada vez mais próxima: Öcalan e o PKK, junto de Erdogan e da AKP prepararam três protocolos “que seriam assinados por Erdogan após as eleições de junho de 2011”¹¹² (PLAKOUDAS, 2018, p. 52, tradução nossa):

‘O Projeto de Princípios para uma Solução Democrática dos Principais Problemas Sociais na Turquia’, ‘O Projeto para uma Paz Justa nas Relações entre o Estado e a Sociedade’ e ‘O Projeto do Plano de Ação para a Solução Democrática e Justa de a questão curda.’ Na prática, os protocolos sugeriam a criação de três comissões compostas por indivíduos de ambos os lados: Comissão para a Constituição, Comissão para a Paz e Comissão para a Verdade e Justiça¹¹³ (YEGEN, 2015, p. 7, tradução nossa).

Incongruente, após as eleições, a Turquia recusa-se a assiná-los. Causa provável, de acordo com Plakoudas (2018) e Savran (2020) e Yegen (2015), é a pressão política que o aumento dos votos para partidos curdos – e vitórias sobre a AKP no Sudeste – tenha produzido entre as alas nacionalistas do cenário público em relação ao *status quo* do poder central de Ankara.

Em julho, um mês depois, o PKK volta a atacar e, ainda, o Congresso Democrático Social (DTK)¹¹⁴, fundado pelos antigos membros do DTP, declara

1990s) on account of its ties with the PKK. The clashes between the PKK and TSK resumed and peace seemed far away (PLAKOUDAS, 2018, p. 52).

¹¹¹ Profile as a pro-democracy party and, secondly, ensure the smooth participation of the Kurds in the general elections (PLAKOUDAS, 2018, p. 53).

¹¹² Which Erdoğan would sign after the elections in June 2011 (PLAKOUDAS, 2018, p. 53).

¹¹³ “The Draft for the Principles for a Democratic Solution of the Main Social Problems in Turkey,” “The Draft for a Fair Peace in Relations between the State and Society,” and “The Draft for the Action Plan for the Democratic and Fair Solution of the Kurdish Question.” Practically, the protocols suggested establishing three commissions composed of individuals from both sides: Commission for the Constitution, Commission for Peace, and Commission for Truth and Justice (YEGEN, 2015, p. 7).

¹¹⁴ DTK, em turco, *Demokratik Toplum Kongresi* e, em curdo, *Kongreya Civaka Demokratik*. O DTK é uma ONG pró-curda.

“autonomia democrática para o Curdistão Turco” em uma conferência de imprensa em Diyarbakir (PLAKOUDAS, 2018), em alinhamento com os escritos de Öcalan, conseqüentemente, também, em consonância com a maior parte da população curda. Este movimento, assim como as investidas de 2012, são novamente reprimidas pelo governo turco, marcando, novamente, a intensa oscilação entre diplomacia e violência entre o PKK e a AKP.

Em 2013, dada a insustentabilidade da situação para ambos os lados, iniciam-se novamente as conversas sobre paz. O foco da Turquia, agora, era transformar o tema em algo conhecido e bem-recebido pela população: havia sido criado, para tanto, um comitê formado por “63 acadêmicos, celebridades, intelectuais, ativistas e jornalistas com a missão principal de explicar o novo “processo de solução” à opinião pública e obter o apoio desta última”¹¹⁵ (PLAKOUDAS, 2018, p. 64-65, tradução nossa). Já em termos de acordos entre as partes, requeriam-se substanciais movimentações de ambos os lados:

A Turquia esperava que o PKK retirasse as suas forças de guerrilha da Turquia e se desarmasse antes de implementar quaisquer reformas políticas; inversamente, o PKK exigiu que a Turquia assumisse primeiro certas iniciativas com base nas próprias ideias de Öcalan (tais como reformas constitucionais) antes da sua retirada e desarmamento¹¹⁶ (PLAKOUDAS, 2018, p. 65, tradução nossa).

Entretanto, os vinte e nove anos de conflito declarado complexificavam as relações de confiança e as, potenciais, cessões. A repetida não-correspondência por parte do governo turco, dessa vez relacionada à retirada das tropas do PKK, não permitia o avanço das negociações, mas as circunstâncias de convivência – de acordo com Plakoudas (2018), um “impasse mutuamente doloroso”¹¹⁷ – mostravam-se infrutíferas para ambos os lados, o que produziu certo cessar-fogo informal, enquanto direcionavam suas energias para seus próprios interesses.

¹¹⁵ 63 academics, celebrities, intellectuals, activists and journalists assigned with the key mission to explain the new “solution process” to the public opinion and elicit the latter’s support (PLAKOUDAS, 2018, p. 64-65).

¹¹⁶ Turkey expected the PKK to extract its guerrilla forces out of Turkey and disarm prior to implementing any political reforms; conversely, the PKK demanded that Turkey first assumed certain initiatives on the basis of Öcalan’s own ideas (such as constitutional reforms) before its withdrawal and disarmament (PLAKOUDAS, 2018, p. 65).

¹¹⁷ Do inglês: *mutually hurting stalemate*.

O PKK influenciou o processo sírio, apoiando o Partido da União Democrática (PYD)¹¹⁸ e sua milícia armada, Unidades de Defesa Popular (YPG)¹¹⁹ conquistando as regiões do norte da Síria, lutando contra o braço do Estado Islâmico da Síria, o al-Nusra e, inclusive, mediando a normalização das relações entre o partido sírio e Ankara (PLAKOUDAS, 2018, p. 65-66). Erdogan, por sua vez, aproveitando a quietude da oposição curda, promoveu uma série de mudanças na política interna com sua eleição em 2014.

As demandas, na retomada das negociações pela paz em 2013 e 2014, constituíam-se semelhantes às anteriores: a Turquia ainda exigia a dissolução do PKK como ameaça à segurança pública, enquanto os curdos propunham maior descentralização do governo no sudeste turco, ganhando autonomia, sendo que sua junta militar seria a gendarmeria regional, assim como requeriam mais direitos sociais e democratização das características político-sociais turcas – como “uma nova definição de cidadania sem um traço nacional (turco, por exemplo)”¹²⁰ (PLAKOUDAS, 2018, p. 69, tradução nossa). Evidentemente, esta seria uma mudança de alta magnitude, e “o aparelho estatal e as instituições turcas opuseram-se veementemente a tais ideias, que violavam o legado de Ataturk”¹²¹ (PLAKOUDAS, 2018, p. 69, tradução nossa). Também, demonstra a alta expectativa curda em relação a transformações radicais na conjuntura política da Turquia.

Em agosto de 2014, as eleições presidenciais que elegeram Erdogan exibiram, quantitativamente, o crescimento da expressão curda: “Embora Erdogan tenha vencido por uma vitória esmagadora (com 51,79% do total de votos) e se tornado o 12º presidente da Turquia, Demirtaş obteve 9,76% dos votos nacionais [...] e 11 províncias no sudeste e Leste da Turquia”¹²² (PLAKOUDAS, 2018, p. 70, tradução nossa). Novamente, a participação política – e a ameaça de perda de poder da AKP – foi um dos principais fatores de pausa entre as conversas sobre paz. Ainda no mesmo ano, no entanto, o entrave na cidade de Kobani entre os curdos da Síria e o Estado Islâmico intensificaram-se, o que incitou protestos

¹¹⁸ PYD, em curdo: Partiya Yekîtiya Demokrat. O PYD é a extensão do PKK, na Síria.

¹¹⁹ YPG, em curdo: Yekîneyên Parastina Gel. O YPG é uma organização de defesa do PYD, na Síria.

¹²⁰ A new definition of citizenship without a national trait (i.e. Turk) (PLAKOUDAS, 2018, p. 69).

¹²¹ The Turkish state apparatus and institutions were vehemently opposed to such ideas that violated the legacy of Ataturk (PLAKOUDAS, 2018, p. 69).

¹²² Although Erdoğan won by a landslide (with 51.79% of the total votes) and became the 12th president of Turkey, Demirtaş gained 9.76% of the national vote and 11 provinces in southeastern and eastern Turkey (PLAKOUDAS, 2018, p. 70).

violentos na Turquia devido à inação de Ankara e, por consequência, potencializou a aspiração militar das organizações políticas curdas:

A KCK¹²³ estabeleceu um “Estado sombra” no sudeste e no leste da Turquia (por exemplo, “forças de autodefesa popular”, etc.) que desafiou diretamente o poder das autoridades estatais turcas. A liderança militar manifestou algumas vezes as suas sérias preocupações sobre esta questão¹²⁴ (PLAKOUDAS, 2018, p. 71, tradução nossa).

Isto indicava o grau de influência político-militar curda, uma espécie de poder em *standby* para desafiar quaisquer decisões, tomadas por Ankara, que contrariassem seus interesses. Notoriamente, esta condição constitui um significativo ponto de ponderação para deliberações do governo. Por isso, e dada a previsibilidade de conflito – nomeadamente infrutífero para ambos os lados –, a paz volta a ser negociada e, de acordo com Yegen, “Isto deveu-se possivelmente ao fato de terem percebido que uma das alternativas mais fortes ao processo de paz já não era um estado de confrontos governáveis entre o Estado e o PKK, mas sim uma guerra civil”¹²⁵ (YEGEN, 2015, p. 10, tradução nossa).

Devido à má reputação relacionada ao autoritarismo de Erdogan, assim como “a carismática personalidade de Demirtaş [...] e o perfil pacifista do HDP”¹²⁶ (PLAKOUDAS, 2018, p. 72, tradução nossa), o Partido Democrático dos Povos (HDP)¹²⁷ elege 80 deputados para o parlamento nas eleições de julho e torna-se o terceiro maior partido político da Turquia. O efeito central disso na política turca é que a AKP deixaria de governar com maioria no parlamento, como ocorria desde 2003. A nova configuração parlamentar mostrava-se instável, uma vez que “o MHP¹²⁸ e o HDP [estavam] em polos opostos do espectro ideológico, [e] as

¹²³ KCK, em curdo, *Koma Civakên Kurdistanê*, traduzida para União das Comunidades Curdas, é uma organização política que segue a linha teórica do confederalismo democrático de Öcalan e compreende os partidos políticos curdos da Turquia, Síria, Irã e Iraque.

¹²⁴ The KCK had established a “shadow state” in southeastern and eastern Turkey (e.g. “people’s self-defence forces”, etc.) which directly challenged the power of the Turkish state authorities. The top military leadership voiced a few times its serious concerns about this issue (PLAKOUDAS, 2018, p. 71).

¹²⁵ This was possibly because they realised that one of the strongest alternatives to the peace process was no longer a state of governable clashes between the state and the PKK but a civil war (YEGEN, 2015, p. 10).

¹²⁶ The charismatic personality of Demirtaş [...] and the peaceloving profile of the HDP (PLAKOUDAS, 2018, p. 72).

¹²⁷ HDP, em curdo, *Partiya Demokratik um Gelan* e, em turco, *Halkların Demokratik Partisi*, é um partido político curdo, fundado em 2012.

¹²⁸ MHP, em turco, *Milliyetçi Hareket Partisi*, traduzido para Partido de Ação Nacionalista, é um partido nacionalista de extrema-direita turco.

negociações da coligação revelaram-se difíceis de conduzir¹²⁹ (CARKOGLU, YILDIRIM, 2015, p. 61, tradução nossa), além de haver uma “inerente incongruência ideológica entre o AKP e a CHP¹³⁰”¹³¹ (CARKOGLU, YILDIRIM, 2015, p. 61, tradução nossa) e, por consequência,

As eleições foram seguidas por uma crise política, quando Erdogan interveio de forma inconstitucional para obstruir o estabelecimento de um governo de coligação e precipitar eleições antecipadas – que foram marcadas para 1 de novembro¹³² (PLAKOUDAS, 2018, p. 72-73, tradução nossa).

Em paralelo, o YPG controlava a situação no norte da Síria, com a ajuda dos Estados Unidos, e se projetava como força superior ao Estado Islâmico, reconquistando os territórios de Kobani e Jazira e avançando para a capital do califado, Raqqa. Para Plakoudas, “Estes triunfos militares alarmaram a Turquia e despertaram o fantasma do pesadelo de uma entidade curda independente no norte da Síria”¹³³ (PLAKOUDAS, 2018, p. 73, tradução nossa), que potencialmente originaria novos focos revolucionários em regiões próximas no sudeste do país.

Com isso, em meio a inflexões turcas e curdas, semelhantemente a anos anteriores, ainda em 2015 o complexo processo de conversação cede espaço à guerra:

Erdogan percebeu que o PKK aumentava o seu poder dentro e fora da Turquia semana após semana e, como consequência, decidiu iniciar uma “guerra preventiva” – por outras palavras, uma guerra destinada a interceptar o PKK antes que este adquirisse poder substancial. Além disso, Erdogan calculou que um novo ciclo de violência iria inevitavelmente ativar os reflexos nacionalistas da opinião pública turca e diminuir o apelo eleitoral do HDP nas iminentes eleições antecipadas em benefício da AKP¹³⁴ (PLAKOUDAS, 2018, p. 73-74, tradução nossa).

¹²⁹ The MHP and the HDP are at the polar opposites of the ideological spectrum, coalition negotiations proved to be difficult to conduct (CARKOGLU, 2015, p. 61).

¹³⁰ CHP, em turco, *Cumhuriyet Halk Partisi*, traduzido para Partido Popular Republicano, é um partido kemalista e social-democrata turco.

¹³¹ Inherent ideological incongruence between the AK Party and the CHP. (CARKOGLU, 2015, p. 61)

¹³² The elections were succeeded by a political crisis as Erdoğan intervened in an unconstitutional way to obstruct the establishment of a coalition government and precipitate a snap election—which were scheduled for November 1 (PLAKOUDAS, 2018, p. 72-73).

¹³³ These military triumphs alarmed Turkey and awakened the nightmarish ghost of an independent Kurdish entity in northern Syria (PLAKOUDAS, 2018, p. 73).

¹³⁴ Erdoğan realised that the PKK increased its power inside and outside Turkey week by week and, as a consequence, decided to initiate a “preventive war”—in other words, a war intended to intercept the PKK before the latter acquired substantial power. In addition, Erdoğan calculated that a new cycle of violence would inescapably activate the nationalist reflexes of the Turkish public opinion and decrease the HDP’s electoral appeal in the impending snap elections to the benefit of the AKP (PLAKOUDAS, 2018, p. 73-74).

Assim, a repressão aos curdos tornou-se, novamente, parte da agenda de segurança turca ao oficializar-se a “Guerra ao Terror”. Para o Estado, ainda que o PKK e o Estado Islâmico houvessem tido conflitos, ambos representavam a mesma ameaça: o terrorismo. No entanto, o foco turco mostrou-se claro na escolha de seus alvos: de acordo com o Centro Político Bipartidário¹³⁵, dos Estados Unidos, em relação ao Estado Islâmico, a participação turca foi limitada e de caráter reacionário, enquanto a luta contra o PKK é vasta e proativa. Além disso, a quantidade de ataques promovidos pelo exército foi bem-direcionado: enquanto a soma de bombardeamentos aéreos e operações de contra-insurgência em relação aos primeiros é de 59, em relação aos segundos é de 176¹³⁶.

Esta “Guerra ao Terror”, em contraste com os anos anteriores, inicia-se no ambiente urbano, entre 2015 e metade de 2016. Explica Plakoudas (2018) que, por meio do Movimento Juvenil Revolucionário (YDG-H)¹³⁷, o PKK pretendia alcançar dois objetivos centrais ao direcionar-se para as cidades: “Em primeiro lugar, implicar, quer queira quer não, a população civil na guerra e, em segundo lugar, capitalizar o clamor da opinião pública (dentro e fora da Turquia) pela nova onda de violência contra civis”¹³⁸ (PLAKOUDAS, 2018, p. 85-86, tradução nossa). Além disso,

O PKK não travou uma guerra de baixa intensidade apenas para forçar a Turquia a um acordo negociado como nos primeiros anos do governo da AKP; em vez disso, o partido iniciou uma guerra total para minar a autoridade do Estado no sudeste da Turquia¹³⁹ (PLAKOUDAS, 2018, p. 85, tradução nossa).

Assim, continuava-se a estratégia de estabelecer um Estado paralelo, um “autogoverno curdo” no sudeste turco, acrescido – e não-influenciado pelo governo de Erdogan – nos anos anteriores pela perspectiva de solução do conflito. O contra-ataque turco, por sua vez, foi robusto: as forças militares agiram de acordo com a

¹³⁵ *Bipartisan Policy Center* é uma organização sem fins lucrativos que se propõe a estudar soluções viáveis para conflitos por meio de análises, negociações e *advocacy*.

¹³⁶ Documento publicado em Julho de 2016.

¹³⁷ YDG-H, em turco, *Yurtsever Devrimci Gençlik Hareketi* e, em curdo, *Tevgera Ciwanên Welatparêzên Şoreşger*, foi a ala militante urbana do PKK.

¹³⁸ First, willy-nilly implicate the civilian population in the war and, secondly, capitalise on the outcry of the public opinion (inside and outside Turkey) for the new wave of violence against civilians. (PLAKOUDAS, 2018, p. 85-86).

¹³⁹ The PKK did not wage a low-intensity war just to force Turkey into a negotiated settlement as in the first years of the AKP's rule; rather, the party initiated an all-out war to erode the state's authority in south-east Turkey (PLAKOUDAS, 2018, p. 85).

declaração de Erdogan, “Vocês serão aniquilados nessas casas, nesses prédios, nessas valas que cavaram. As nossas forças de segurança continuarão esta luta até que seja completamente limpa e uma atmosfera pacífica seja estabelecida”¹⁴⁰ (CAKAN, 2015, s/p, tradução nossa). Assim,

Sitiaram firmemente as cidades (ou os distritos dentro das cidades) e atacaram-nas uma a uma com uma mistura de unidades de operações especiais da polícia (PÖH), unidades de operações especiais da gendarmaria (JÖH) e unidades blindadas especializadas das Forças Terrestres Turcas (TKK)¹⁴¹ (PLAKOUDAS, 2018, p. 86, tradução nossa).

A guerra no ambiente urbano se estendeu até abril de 2016, gerando diversos efeitos para todos os envolvidos: centenas de civis foram mortos nas cidades, a violação de direitos humanos foi atribuída ao Estado turco, pelo Human Rights Watch, o HDP perdeu apoio popular pelo suposto contato com o PKK – o que reduziu a quantidade de votos nas eleições antecipadas de novembro de 2015 e, por consequência, devolveu à AKP o controle majoritário do parlamento. Estes foram os principais resultados da fase urbana do conflito: tanto em termos tático-militares, quanto em termos políticos, o Estado turco obteve vantagens.

A fase rural, a partir de abril de 2016, é marcada pela inovação – ou improvisação – tecnológico-militar das partes. De um lado, o PKK concentrava-se em explosivos e ataques terroristas; de outro, a Turquia desenvolvia sua tecnologia militar local e “cada vez mais “testaram” novas armas da indústria de defesa local contra o PKK – desde o Kirpi (um veículo protegido contra emboscadas resistente a minas) até ao Cirit (um míssil ar-solo guiado por laser)”¹⁴² (PLAKOUDAS, 2018, p. 87, tradução nossa). Ainda assim, de acordo com os infográficos da International Crisis Group, a diferença de mortes entre militantes do PKK e militares turcos é de 1221 a 644; ou seja, a tática de guerrilha rural empregada pelo PKK reduzia a diferença tecnológico-militar da guerra. Em 2016, ainda, a falha na tentativa de um

¹⁴⁰ You will be annihilated in those houses, those buildings, those ditches which you have dug. Our security forces will continue this fight until it has been completely cleansed and a peaceful atmosphere established (CAKAN, 2015, s/p).

¹⁴¹ Besieged the towns (or the districts within the towns) tightly and stormed them one by one with a mix of police special operation units (PÖH), gendarmerie special operations units (JÖH) and specialised armoured units of the Turkish Land Forces (TKK) (PLAKOUDAS, 2018, p. 86).

¹⁴² Increasingly “tested” new weapons from the indigenous defence industry against the PKK—from Kirpi (a Mine-Resistant Ambush Protected Vehicle) to Cirit (a laser-guided air-to-ground missile) (PLAKOUDAS, 2018, p. 87).

novo Golpe Militar contra Erdogan culminou na prisão de militares importantes para o corpo tático turco, o que contribuiu para tais números (PLAKOUDAS, 2018).

A partir da segunda metade de 2016, o foco do conflito desloca-se para o norte da Síria, a chamada “Operação Escudo de Eufrates”, somando-se à disputa por territórios entre o PYD e o Estado Islâmico. As intenções da luta dupla turca contra o terrorismo curdo e islâmico, segundo Plakoudas (2018), era interferir na região para evitar que fosse estabelecido um governo curdo em uma região unificada. A guerra civil síria transformou diversas cidades do nordeste em áreas conflituosas, em que a presença de potências internacionais se fazia necessária para concretizarem-se avanços militares. Assim, Rússia, Irã e Estados Unidos influenciaram ativamente no processo de parcial reconquista da região, ao passo que os exércitos curdos passaram a ser vistos como forças aliadas no combate ao terrorismo.

De acordo com Plakoudas (2018), tanto o YPG quanto as Forças Democráticas Sírias (SDF)¹⁴³ obtiveram apoio dos Estados Unidos e da Rússia. Estes foram forças confiáveis no combate ao Estado Islâmico, como por exemplo na nova investida contra a capital Raqqa:

Em novembro de 2016, os EUA sancionaram uma ofensiva das FSD contra a capital do Estado Islâmico, Raqqa. As FSD avançaram rapidamente contra o Estado Islâmico, graças ao crescente apoio militar dos EUA, e, após a conclusão da 4ª fase da Operação “Ira do Eufrates” em março de 2017, as FSD capturaram quase todo o território a norte das margens do rio Eufrates e isolaram Raqqa¹⁴⁴ (PLAKOUDAS, 2018, p. 92, tradução nossa).

Ainda, em comparação com as expedições conjuntas do TSK¹⁴⁵ (Forças Armadas da Turquia) e da FSA¹⁴⁶ (Exército Livre da Síria), as SDF mostraram-se extremamente superiores:

No final de fevereiro [de 2016], a TSK e o FSA capturaram finalmente al-Bab após um cerco de três meses e um elevado número de mortos – um testemunho da ineficácia do FSA como força militar independente e dos

¹⁴³ Do inglês *Syrian Democratic Forces*, é uma coalisão de milícias étnicas e grupos rebeldes e possui maioria curda, sendo liderada pelo YPG.

¹⁴⁴ In November 2016, the USA sanctioned an offensive by the SDF against the capital of ISIS, Raqqa. The SDF advanced rapidly against ISIS, thanks to the increasing military support by the USA, and, after the conclusion of the 4th phase of Operation “Wrath of the Euphrates” in March 2017, the SDF had captured almost all territory north of the banks of the Euphrates River and isolated Raqqa (PLAKOUDAS, 2018, p. 92).

¹⁴⁵ Forças Armadas da Turquia, em turco, *Türk Silahlı Kuvvetleri*.

¹⁴⁶ FSA, do inglês, *Free Syrian Army*.

problemas intra-operacionais do TSK. Indicativo do mau desempenho da TSK e do FSA, as SDF capturaram Manbij (uma cidade dez vezes maior que al-Bab e defendida por uma força muito maior do Estado Islâmico) em apenas dois meses, em meados de 2015¹⁴⁷ (PLAKOUDAS, 2018, p. 92, tradução nossa).

A movimentação das potências, em apoio às guerrilhas curdas, notavelmente despertou a atenção turca: em março de 2017, as TSK e FSA decidem atacar a zona de controle curdo, Manbij, ação que foi condenada pelos EUA e, ainda, protegida por forças militares deste país e, também, da Rússia. Alguns territórios da região foram devolvidos para o controle sírio, negociação mediada pela Rússia. Ainda assim, a Turquia considerou a reconquista da cidade de al-Bab e a diminuição do controle territorial curdo como fatores de sucesso para a Operação Escudo de Eufrates, quando a encerra em 29 de março de 2017.

Ainda que o cenário posterior a este não possua diferenças profundas em sua estrutura, o período de 2009 a 2017, nas relações entre o PKK e a Turquia, demonstra o crescimento do enraizamento curdo no Oriente Médio e a, ainda, incógnita resolução para o conflito étnico. As expressões de poder político de Erdogan evidenciam-se centralizadas em uma composição pouco interessada na obtenção de maior coesão social, no que diz respeito à multiplicidade étnica presente no território turco.

4 ANÁLISE CRÍTICA

Este capítulo é dedicado à análise da história conflituosa entre os defensores dos direitos curdos e o Estado da Turquia. Inicialmente intenta-se utilizar lentes filosóficas para relacionar as interações históricas, desde a independência turca em 1923 até o presente. Para isto, os conceitos de Michel Foucault, Achille Mbembe e Axel Honneth são explorados, ao passo que se relaciona o surgimento do PKK e a luta por reconhecimento curdo com a repressão estrutural turca, como formações intrinsecamente conectadas. Na sequência, discorre-se sobre as nuances da conjuntura sociopolítica em relação à possibilidade de formação de um Curdistão independente.

¹⁴⁷ In late February, the TSK and FSA finally captured al-Bab after a three-month siege and a heavy death toll—a testament to the inefficacy of the FSA as an independent military force and the intra-operational problems of the TSK. Indicatively of the poor performance of the TSK and FSA, the SDF had captured Manbij (a city ten times larger than al-Bab and defended by a far larger ISIS force) within just two months in mid-2015 (PLAKOUDAS, 2018, p. 92).

4.1 A EXPERIÊNCIA CURDA

Ao analisar-se a experiência da história curda na Turquia, desde a Guerra pela Independência, de Atatürk em 1923, até as políticas nacionalistas de Erdogan na atualidade, é evidenciado, a todo momento, o desinteresse, pelos *policy-makers* – governantes –, de proporcionar algum grau de inclusão social ou, acima disso, o reconhecimento e aceitação da etnia curda dentro do território da Turquia. Pelo contrário, o que se observa é a gana de completa extinção do “não-turco” no território – mais atualmente, inclusive, nos territórios vizinhos. Partindo das qualificações dos curdos inicialmente como “turcos das montanhas”, ou, ainda, tendo sido banidas todas as formas de expressão curdas durante todo o século XX, os esforços para a homogeneização étnica, incutidos por meio da repressão generalizada, revelaram-se extremamente danosos para o senso de autoconsciência curda, ao passo que, como citado anteriormente, os primeiros contragolpes do PKK eram vistos com certo grau de insegurança pelos próprios membros – assim como desacreditados pelo governo da Turquia. Denota, a conduta dos atores político-sociais turcos, em maior ou menor grau, uma soberania não voltada para a autonomia racional, mas para a “instrumentalização generalizada da existência humana e a destruição material de corpos humanos e populações” (MBEMBE, 2016, p. 125).

Assim, considera-se que o mecanismo biopolítico da Turquia – o conjunto de elementos que compreendem a “presença e modelação de um princípio natural de apreensão dos elementos individuais em uma população” (NETO, 2007, p. 135) – enfatiza a quase literal exclusão, salva por políticas de limitada inserção pós-2009, dos direitos humanos dos curdos. É fato que, historicamente, a tendência étnica de tribalismo e de observância aos preceitos estabelecidos por chefes locais, assim como a opressão de um imperialismo modernizante – e, portanto, contrário às concepções básicas de existência curdas –, foi um dos fatores de maior impacto para o condicionamento da psique da população curda pré-PKK. A exclusão promovida pelo governo turco fazia relevante a perspectiva geral em relação à temática: o impacto das políticas de assimilação e da negação da expressão étnica curda cultivou sentimentos de autodesvalorização e impotência, como anteriormente

mencionado e isto intui, principalmente, o propósito de permanência curda na condição de povo oprimido.

Este *status* soberano do Estado turco visava promover, por meio das demais políticas que compunham a chamada “turquificação”, o controle total da população:

[A] “anatomia política” que é também igualmente uma “mecânica do poder” [...] define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que opere como se quer [...]. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência) (FOUCAULT, 1987, p. 119).

O biopoder, ligado a isso, atua como a padronização de características comportamentais sob a ameaça de descarte social. Perspectiva semelhante é o conceito de necropolítica, do filósofo camaronês Achille Mbembe, que, por outro ângulo, trata do poder soberano de julgar qualidades e violar existências, manipulando a essência do indivíduo subjogado, sujeito à normatividade e fadando aquele que representa o inimigo, ainda que fictício, a ser percebido como ameaça ao Estado.

Ou seja, a identidade curda, desde a independência turca, representa uma ameaça. Uma ameaça à expressão de poder que vincula corpos e mentes à máquina estatal. O que Foucault considera a disciplinação do indivíduo – o enquadramento dele nos formatos exigidos para o bom-funcionamento da sociedade sob a ótica do Estado –, ao ser aplicado à história aqui analisada, evidencia-se, acima de tudo, na diversidade cultural como obstáculo à ideologia nacionalista. Isto se torna uma deformação ético-moral ainda mais intensa ao ponderar-se que a vasta amplitude de diferentes costumes entre os povos é uma das mais imperativas manifestações da autenticidade de cada individualidade; isto é, do humano.

Neste contexto, o foco do surgimento do PKK não deve ser voltado primariamente para o aspecto mais óbvio, o do terrorismo, mas, sim, para dois fatores centrais: i) a representatividade para interesses curdos no Oriente Médio, e ii) a sua condição de resistência em relação à assimilação turca. A manifestação e os princípios básicos do PKK são, invariavelmente, ligados ao conceito de “luta por reconhecimento”, do sociólogo Axel Honneth. Para ele, “o engajamento nas ações políticas possui para os envolvidos também a função direta de arrancá-los da situação paralisante do rebaixamento passivamente tolerado” (HONNETH, 2003, p.

259). Assim, o PKK torna-se a maior forma de expressão curda, no que diz respeito à interação com as autoridades governantes da Turquia. Esta luta é, também, relacionada aos aspectos de subdesenvolvimento socioeconômico do sudeste turco, porque

Interesses são orientações básicas dirigidas a fins, já aderidas à condição econômica e social dos indivíduos pelo fato de que estes precisam tentar conservar pelo menos as condições de sua reprodução; estes interesses vêm a ser atitudes coletivas, na medida em que os diversos sujeitos da comunidade se tornam conscientes de sua situação social e se veem por isso confrontados com o mesmo tipo de tarefas vinculadas à reprodução (HONNETH, 2003, p. 260).

Isto significa que os fatores relacionados à própria integridade físico-emocional possuem relevância única, especialmente em situações em que manifestam-se sentimentos coletivos de injustiça, uma vez que promovem o mútuo reconhecimento e respeito e, como tal, representam a unidade por uma mesma causa. O PKK é, portanto, uma invenção cuja importância é absoluta e inquestionável em muitas esferas, curdas e turcas. Para a Turquia, por exemplo, representa a ameaça ontológica à soberania do Estado, assim como um tema de segurança civil. O ponto de destaque, no entanto, é que o partido representou para os curdos, ultimamente, a criação de uma nova unicidade; representou o resgate de uma perspectiva, desde Sèvres, adormecida: a liberdade.

Ainda assim, uma vez redirecionada a atenção turca para a questão curda, não se pode considerar que houve avanços substanciais na interação entre os grupos. As décadas de 1980 e 1990 representaram o período de maior violência direta na história do conflito; agora, havendo oposição e conflitos diretos entre as partes, estabelece-se, de fato, uma agenda de combate ao terrorismo. Assim, “ao securitizar da alteridade e instituir perigos nacionais, desfralda-se um processo intersubjetivo que resulta em segurança ontológica para alguns e insegurança para outros” (KINNVALL, 2004; MITZEN, 2006). Em termos práticos, a população curda deixa de ser alvo de homogeneização étnico-cultural e passa a ser alvo de extermínio justificado pelo terrorismo de uma organização que se estabelecia e se difundia em meio à população. Ao final da década de 1990, a estrutura interna do PKK não foi capaz de suportar o modelo de gestão – focado em Öcalan e agudamente engessado – e enfraqueceu-se.

Nos anos 2000, contudo, sob o governo da AKP, a Turquia buscou amenizar as relações com o PKK, já que os danos do conflito não beneficiaram nenhuma das partes. Isto evidentemente demonstrava a força das conexões estabelecidas pelo PKK: a eliminação do grupo não era mais um objetivo plausível. Ainda que o conflito tenha sido, de fato, abrandado após a virada do milênio, pontua-se:

Embora o governo da AKP tenha tido a mente muito mais aberta do que qualquer governo anterior na história turca em relação aos curdos, estes gestos foram sistematicamente apresentados como "caridade" ou "presentes" da política paternalista do Estado, em vez de reconhecimento genuíno do povo curdo e sua identidade¹⁴⁸ (CHRISTOFIS, 2019, p. 254, tradução nossa).

A esse ponto, a questão curda revela-se subvalorizada pelo governo: a prática desenvolvida por Erdogan pode ser compreendida como um mero jogo político, empreendido para obter apoio de minorias em situações oportunas, como nas vésperas das eleições parlamentares de 2011 e das presidenciais de 2014. Além disso, o período compreendido entre 2009 e 2015 foi marcado pela hábil estratégia de Erdogan de manter a alta expectativa curda para a perspectiva de coexistência étnica harmoniosa, causando, por consequência, a passividade do PKK e dos demais opositores curdos frente a ações contraditórias aos princípios democráticos da Turquia: estas, em última instância, inegavelmente, também contraditórias ao bem-estar da comunidade curda. A repressão se torna mais séria, novamente, após as eleições parlamentares de 2015, em que a HDP põe fim ao poder majoritário da AKP que, desde 2002, governava a Turquia.

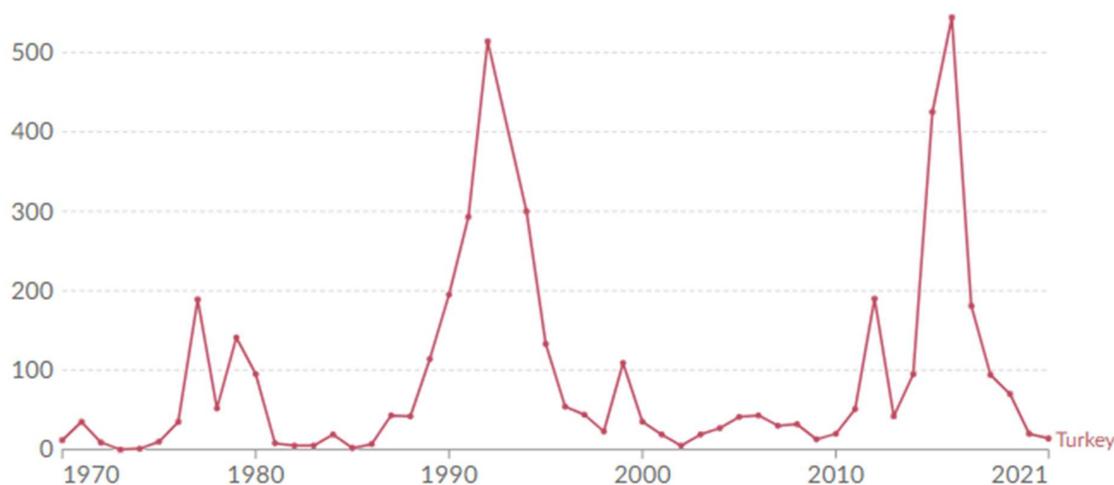
Essa necessidade de poder absoluto sob o véu de uma autoridade protetora da Turquia torna-se uma ameaça, uma vez que

A soberania exige que 'a força para violar a proibição de matar, embora verdadeira, estará sob condições que o costume define'. E, ao contrário da subordinação, sempre enraizada na alegada necessidade de evitar a morte, a soberania definitivamente demanda o risco de morte" (MBEMBE, 2016, p. 127).

¹⁴⁸ While the AKP government has been much more open-minded than any previous government in Turkish history regarding the Kurds, these gestures have been systematically presented as 'charity', or 'gifts', of the state's paternalist policy, rather than genuine recognition of the Kurdish people and their identity (CHRISTOFIS, 2019, p. 254)

Assim é que ocorre o retorno, *de facto*, à condição de conflito direto entre as duas partes: os avanços da revolução em Rojava representaram – e representam, na atualidade – um alerta para Ankara de potenciais reflexos dentro do território turco. O confederalismo democrático, ideário curdo do século XXI, ameaça a soberania do Estado foucaultiano, já que reivindica o desprendimento do governo político estatal e propõe, no lugar, o governo autônomo. Dessa forma, é restaurada a guerra contra o PKK, notadamente a mais violenta desde o cessar-fogo de 1999.

Figura 3 – Número de Ataques Terroristas na Turquia.



Fonte: Global Terrorism Database (2022)

Evidencia-se, no gráfico acima, o expressivo aumento no número de ataques do PKK. Em 2015, 2016 e 2017 foram registrados 425, 544 e 181 ataques, respectivamente, totalizando 1150 ocorrências. Argumenta-se, portanto, que a resistência do PKK relaciona-se com a medida de violência perpetrada pelo Estado turco. O combate empreendido é o sinal de determinação para obtenção de melhores condições para a população curda, ao passo que, por outro lado, a tirania turca faz-se o principal motivador para a continuidade da crise multissetorial experienciada na região.

4.2 FORMAÇÃO DE UM ESTADO CURDO?

O relacionamento moderno entre o nacionalismo curdo e a criação de um Estado independente passa por duas etapas, que se encontram em dois momentos de importante distinção na história curda: a primeira se estabelece com base na

explosão do nacionalismo separatista curdo, nos anos 1980 e 1990, em que, de fato, reivindicava-se a formação de um Estado independente que abrangeria o sudeste turco. A guinada nesta concepção se dá a partir da árdua repressão às *serhildans* – intifadas curdas – e concretiza-se com a prisão de Öcalan, em 1999. A segunda etapa, assim, reflete o objetivo de estabelecimento de comunidades autogovernadas dentro dos quatro Estados que compõem o território nomeado, pelos curdos, Curdistão.

Na primeira fase, portanto, o resgate da perspectiva de liberação curda das amarras turcas, por meio da revolução socialista, é o principal objetivo do PKK. A participação de Öcalan, como já comentada, faz-se essencial para o desenvolvimento da consciência étnica coletiva, porém, a década de 1990 evidencia os efeitos contraprodutivos de seu esforço, no que diz respeito à intenção de garantir a independência psíquica – aquela do espírito – de cada indivíduo militante pela causa. Em consequência, demonstrado no capítulo anterior, o PKK teve seu desempenho limitado e minado pelas contradições entre expectativa e realidade. Adicionalmente, o enfraquecimento da ideologia socialista após o fim da Guerra Fria e a coibição dos movimentos guerrilheiros curdos, por parte do governo, assim como foram fatores críticos na análise de Öcalan e na consequente mudança de perspectivas para o futuro:

Em 17 de março de 1993, um cessar-fogo unilateral foi declarado por Öcalan na presença do líder do PUK¹⁴⁹, Jalal Talabani. Foram destacados três elementos da declaração de cessar-fogo: (a) o cessar-fogo foi “incondicional”, (b) o PKK “não deseja separar-se da Turquia” e (c) a “questão será resolvida dentro do prazo acordado a nível nacional”. fronteiras’. Alguns dias depois, em 19 de Março de 1993, Abdullah Öcalan e Kemal Burkay, um “líder moderado”, reuniram-se na Síria e assinaram um protocolo contendo exigências moderadas semelhantes para o cessar-fogo e prometendo esforços conjuntos de paz e cooperação futura¹⁵⁰ (ÖZCAN, 2006, p. 178, tradução nossa).

¹⁴⁹ Em curdo, *Yekêtiy Nîştimanîy Kurdistan*, traduzido para União Patriótica do Curdistão. É um partido presente no Iraque e visa garantir a autodeterminação, direitos humanos, democracia e paz para os curdos da região.

¹⁵⁰ On 1993, 17 March, a unilateral cease-fire was declared by Öcalan in the presence of the PUK leader Jalal Talabani. Three elements of the cease-fire statement were highlighted: (a) the cease-fire was ‘unconditional’, (b) the PKK ‘do not wish to separate from Turkey’ and (c) the ‘matter will be resolved within nationally agreed borders’. A couple of days later, on 19 March 1993, Abdullah Öcalan and Kemal Burkay a ‘moderate leader’, met in Syria and signed a protocol containing similar moderate demands for the cease-fire and promising joint peace efforts and future co-operation (ÖZCAN, 2006, p. 178).

Além disso, a própria sociedade curda não possuía, naquele momento, uma cognição sólida de sentimento nacional:

Acima de tudo, o aspecto não-curdo das conversações de inculcação de Öcalan não é a “grandeza” da sua liderança demonstrando os seus princípios socialistas de não ser nacionalista, mas sim uma manifestação de estar consciente da “ausência de uma base de sentimentos nacionalistas étnicos” entre curdos comuns — especialmente entre os curdos da Turquia¹⁵¹ (ÖCALAN 1993a, p. 191, apud ÖZCAN, 2006, p. 198, tradução nossa).

Ao longo da década de 1990, três cessar-fogos unilaterais de curta duração foram instituídos pelo PKK, na tentativa de utilizar-se dessa moeda de troca para as negociações com a Turquia, “já que o PKK usava a guerra e as conversações de paz como uma política de incentivo e castigo para ditar uma solução política em seus próprios termos”¹⁵² (PLAKOUDAS, 2018, p. 54, tradução nossa). Esta foi a base lógica para a qual se seguiu a orientação política do PKK nas décadas seguintes.

A partir de então, não era mais direcionada a luta armada para a criação de um Estado: “[o] objetivo principal do PKK foi a realização de um Curdistão independente, mas o caminho para a realização da independência foi transformado de construção de um Estado para construção de uma sociedade”¹⁵³ (AKKAYA, JONDERGEN, 2010, p. 156, tradução nossa). Isto, ainda, porque o nacionalismo curdo, embora seja um movimento social em que há a aderência em massa, não possui certo sustentáculo econômico, capaz de desenvolver um mercado nacional.

[Os curdos] estão bem conscientes do fato de que não existe nenhuma classe burguesa “adolescente” ou nascente que aspire a um mercado nacional curdo. Mais importante ainda, não existe nenhum mercado nacional viável – ou potencialmente explorável – para o qual a própria burocracia do partido possa ser atraída¹⁵⁴ (ÖZCAN, 2006, p. 199, tradução nossa).

¹⁵¹ Above all, the non-Kurdish aspect of Öcalan’s inculcation talks is not the ‘greatness’ of his leadership demonstrating its socialist principles in not being nationalistic, but rather a manifestation of being aware of the ‘absence of a base of ethnic nationalist’ sentiments among ordinary Kurds — especially among the Kurds of Turkey (Öcalan 1993a, p. 191, apud Özcan, 2006, p. 198).

¹⁵² Since the PKK used war and peace talks as a carrot-and-stick policy to dictate a political solution on its own terms (PLAKOUDAS, 2018, p. 54).

¹⁵³ A primary objective of the PKK has been the realization of an independent Kurdistan, but the road to realizing independence has been transformed from one of state-building to one of society-building (AKKAYA, JONDERGEN, 2010, p. 156).

¹⁵⁴ They are well aware of the fact that there exists no ‘adolescent’ or nascent bourgeoisie class aspiring to a Kurdish national market. More importantly, there exists no viably exploitable—or

Disto decorre-se o caráter dependentista da economia curda em relação ao próprio Estado turco e, por consequência, o discurso de independência encontra mais um motivo de enfraquecimento. Além disso, outro fator de destaque é a diferença, no século XXI, do conflito, em relação à primeira fase:

Deve notar-se, no entanto, que a nova onda de violência desde 2004 foi muito menos violenta do que a guerra total na década de 1990 – tanto em termos de vítimas como de modus operandi dos dois adversários. Em primeiro lugar, a nova guerra entre o PKK e o TSK foi repetidamente interrompida por cessar-fogos. Em segundo lugar, foi uma guerra sazonal (a ‘época de campanha’ começou em Março, atingiu o pico em Agosto e terminou em Outubro) e local (a maior parte dos combates limitou-se a Botan, a zona montanhosa escassamente povoada em Hakkâri e Şirnak). Em terceiro lugar, o número geral de mortos (especialmente o número de vítimas civis) foi marcadamente baixo em comparação com a guerra da década de 1990 (abaixo de 400 fatalidades por ano até 2012). Em resumo, a guerra desde 2004 foi, na verdade, uma guerra de guerrilha de baixa intensidade¹⁵⁵ (PLAKOUDAS, 2018, p. 54, tradução nossa).

Tal mudança ideológica na luta armada, observada também a partir das mudanças comportamentais do PKK, embora ainda seja direcionada para a garantia da melhoria das condições de vida curdas, como “‘direitos políticos’, ‘liberação nacional’ ou ‘liberdade’, não implica, substancialmente, um ‘Estado independente’ do Curdistão”¹⁵⁶ (ÖZCAN, 2006, p. 200, tradução nossa). É, portanto, sutilmente desenvolvida uma ideia refinada, de possibilidade de emancipação curda, com maior aproximação à realidade do atual contexto regional. Outro ponto, ainda, de ênfase a essa abordagem, é o não-reconhecimento de um Estado curdo por parte dos quatro Estados da região: “O ‘Momento Curdo’ foi sem dúvida muito forte. Contudo, os Curdos não podem estabelecer um Estado viável, nem na Síria nem no Iraque,

potentially exploitable—national market to which the party bureaucracy itself would be attracted (ÖZCAN, 2006, p. 199).

¹⁵⁵ It must be noted, however, that the new wave of violence since 2004 was far less violent than the all-out war in the 1990s—both in terms of the casualties and modus operandi of the two adversaries. First of all, the new war between the PKK and TSK was interrupted repeatedly by ceasefires. Secondly, this war was seasonal (the “campaigning season” started in March, peaked in August and stopped in October) and local (most fighting was confined to Botan, the sparsely populated mountainous zone in Hakkâri and Şirnak). Thirdly, the overall death toll (especially the number of civilian casualties) was markedly low compared to the war in the 1990s (below 400 fatalities per year until 2012). In summary, the war since 2004 was in effect a low-intensity guerrilla war (PLAKOUDAS, 2018, p. 54).

¹⁵⁶ ‘Political rights’, ‘national liberation’ or ‘freedom’ does not substantially imply an ‘independent state’ of Kurdistan (ÖZCAN, 2006, p. 200).

enquanto todos os países vizinhos se opuserem à sua independência”¹⁵⁷ (PLAKOUDAS, 2018, p. 107, tradução nossa). Evidentemente, Plakoudas se refere à Síria e ao Iraque especificamente porque são, atualmente, as maiores expressões da autonomia curda, em que estabelecem-se regiões, dentro desses dois Estados, de controle exclusivamente curdo. Entende-se, assim, que na Turquia e no Irã este seria um desafio ainda mais radical.

A construção de uma sociedade – ao invés de um Estado – firma-se, no início dos anos 2000, sob a teoria do confederalismo democrático. Os esforços do PKK são demonstrados neste sentido por meio da luta pelo reconhecimento turco, ao invés do rompimento absoluto da comunicação e crescente hostilidade. Por outro lado, ao passo que os ânimos insurgentes do PKK se retraíram e a participação política curda aumentou, a partir de 2009, observa-se uma Turquia aberta ao diálogo como nunca na história esteve, mas, ainda assim, desconfortável com a cessão de poder – ou, até, com mero reconhecimento da causa. A participação turca na guerra civil síria e os sucessivos ataques ao PKK e YPG, principalmente no período entre 2015 e 2017, cobertos no capítulo anterior, ainda, denotam essa relação antagônica em escala ainda maior, de combate direto.

Por fim, o crescente autoritarismo de Erdogan consolidou-se após a tentativa de golpe de Estado em 2016, combinando, segundo Ercan (2021), a constituição deliberada de ameaças ao Estado, guerras e degradação da oposição, sob a ótica de um exclusivo nacionalismo turco-islâmico. Desta forma, elabora-se o perpetuamento do poder nas mãos desta elite, atuando na coalizão AKP-MHP e, assim, reprimindo política e socialmente outras etnias.

Sendo assim, o espírito de formação de uma confederação curda em território turco enfrenta complexas limitações. Ainda que a resposta nacionalista para a crise econômica e migratória – dadas as altas taxas de inflação desde 2017 e a migração de sírios e afegãos – não seja suficiente para “gerar *legitimidade de desempenho*”¹⁵⁸ (ERCAN, 2021, p. 81, tradução nossa, grifos do autor) e, dessa forma, esteja perdendo apoio popular, a causa curda na Turquia ainda não encontra, na atualidade, meios ideais para a reivindicação de seus objetivos. A reeleição de Erdogan, em 2023, levando em consideração as instabilidades anteriormente

¹⁵⁷ The “Kurdish Momentum” was without doubt very strong. However, the Kurds cannot establish a viable state, either in Syria or in Iraq, as long as all neighbouring countries oppose their independence (PLAKOUDAS, 2018, p. 107).

¹⁵⁸ Engender *performance legitimacy* (ERCAN, 2021, p. 81).

citadas, é o testemunho do impacto das décadas de guerra ideológica desta elite nacionalista que detém a maior parte do poder político no território turco.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscou-se fundamentalmente compreender a relação entre a República da Turquia e a etnia curda. Evidencia-se, desde a independência turca, a característica desumanizadora das políticas nacionalistas turcas sobre as etnias periféricas, promovendo a opressão ontológica – absoluta –, espiritual e política, em nome da homogeneização populacional no território. As dezenas de tentativas de rebelião curdas durante o século XX, em meio à extrema violência estrutural – também manifestada no contexto socioeconômico do sudeste turco – agregam a vontade de superação desta condição a esta análise conjuntural. Assim, o PKK emerge como o principal agente de resistência para a causa curda, representando Öcalan uma liderança absoluta e inquestionável. Para um povo que durante, pelo menos, meio século, existia à mercê do poder turco, o PKK e Öcalan demonstram-se guardiões das reivindicações de direitos para os curdos.

A luta armada empreendida no processo de tentativa de libertação étnica concretiza-se, baseada na história deste conflito, como a forma mais próxima de mobilizar o Estado turco para promover melhores condições de existência, uma vez que reconhece-se, por meio da violência, a ameaça à soberania nacional. Isto porque se percebe, no período de maior aproximação das partes, entre 2009 e 2015, o surgimento de partidos políticos como o HDP, que se destinam a participar do sistema turco e concorrer contra as vertentes nacionalistas, representando a causa curda constitucionalmente. Öcalan e, conseqüentemente, o PKK, mantiveram-se brandos, apoiando os meios pacíficos de solução do conflito, o que indicava uma coesão geral curda em relação à temática. As garantias de direitos, como a possibilidade de ensinar-se o idioma curdo nas universidades, não foram fruto do reconhecimento objetivo da causa curda por parte da Turquia, mas, sim, concedidas como “regalias” a este povo. Além disso, propostas mais robustas de reivindicações foram desprezadas pelo líder turco, que se recusava a assiná-las, ainda que ele ou os membros de seu partido tenham colaborado na redação. O principal ponto desta passagem, no entanto, remete às eleições parlamentares de junho de 2015, momento de crescimento expressivo dos votos para o HDP e que desmantelou a

maioria parlamentar nacionalista. Evidentemente frustrando perspectiva de frente única de governo, Erdogan retoma o tratamento hostil contra os curdos e, por meio de propagandas nacionalistas – e vilanizando a “organização terrorista e separatista, PKK, e seu braço político, HDP” – adquire nova força nas eleições antecipadas de novembro do mesmo ano e reconquista a maioria no parlamento.

Compreende-se, no entanto, que os meios utilizados pelos curdos, seja o pacífico ou o agressivo, pouco transformam-se em resultados favoráveis à causa curda, já que o jogo político da Turquia administra ambos de forma notável: para a passividade, a causa curda é posta em plano secundário, a quietude é favorecedora às políticas nacionalistas e autoritárias e o governo esquiva das reivindicações; já para a agressividade, o governo encontra uma das suas zonas de vantagem ao securitizar a questão curda, classificando-a como terrorismo e como ameaça à unidade nacional e, por meio da propaganda nacionalista, cultiva o apoio das massas. Isto significa, ultimamente, que o governo encontra, em ambos os casos, elementos determinantes para a manutenção do poder e perpetuação das condições socioespaciais e políticas.

A causa curda, portanto, encontra-se em um constante impasse, causado, dentre muitos outros fatores, pela artificialidade e rigidez das fronteiras políticas modernas, ligada, essencialmente, à artificialidade e irracionalidade de ideologias nacionalistas, que, orquestrando objetivos autocêntricos, favorecem a certos humanos que possuem determinado conjunto de características semelhantes entre si. A estrutura moderna de Estado-Nação reflete-se, portanto, no abandono, na exclusão e na subjugação da consciência coletiva global de unicidade de uma mesma espécie. Os efeitos da corrente disputa inescrupulosa por poder, assim, conglomeram-se e convergem-se para único fim possível: a ruína.

REFERÊNCIAS

AKKAYA, Ahmet H.; JONGERDEN, Joost. The PKK in the 2000s. *In*: CASIER, Marlies; JONGERDEN, Joost. **Nationalisms and Politics in Turkey**: Political Islam, Kemalism and the Kurdish Issue. Taylor & Francis e-Library, 2010. Acesso em: 12 Out, 2023.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARAKON, Maya. **Kurds at the transition from the ottoman empire to the Turkish Republic**. Turkish Policy Quarterly, 2014.

BIPARTISAN POLICY CENTER. **Turkey vs. ISIS and PKK**: A Matter of Distinction. Jul 2016. Disponível em: <https://bipartisanpolicy.org/download/?file=/wp-content/uploads/2019/03/BPC-Turkey-ISIS-PKK.pdf>. Acesso em: 02 Nov 2023.

BOZARSLAN, Hamit. **Human Rights and the Kurdish Issue In Turkey**: 1984-1999. Human Rights Review, October-December, 2001. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/51410860/s12142-001-1005-720170118-10631-ycv8j2.pdf> Acesso em: 20 nov 2023.

ÇARKOĞLU, Ali; YILDIRIM, Kerem. **Election Storm in Turkey**: What do the Results of June and November 2015 Elections Tell Us?. Insight Turkey, Volume 17, nº 4, 2015, p. 57-80. Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/13608746.2015.1115581>. Acesso em 24 Out 2023.

CASIER, Marlies; JONGERDEN, Joost. **Nationalisms and Politics in Turkey**: Political Islam, Kemalism and the Kurdish Issue. Taylor & Francis e-Library, 2010.

DAHLMAN, Carl. **The Political Geography of Kurdistan**. Eurasian Geography and Economics, 2002, 43, No. 4, p. 271-299.

ERCAN, Harun. **Authoritarianism from Above and Below**: Exclusive Nationalism and the Turkish-Kurdish Conflict. The Commentaries, Volume 1, nº 1, p. 75-83. 2010. Disponível em: <https://journals.tplondon.com/com/article/download/1999/1277>. Acesso em: 13 Nov 2023.

FARIAS, Elana Beatriz Silva Sabino de. **Narrativas de identidade nacional [manuscrito] dissonância entre turcos e curdos na Anatólia**. 2017.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. 20ª Ed. 1999. Editora Vozes Ltda. Disponível em: <https://www.uel.br/projetos/foucaultianos/pages/arquivos/Obras/VIGIAR%20E%20PUNIR.pdf>. Acesso em: 05 Nov, 2023.

GELLNER, Ernest. **Nations and Nationalism**. Oxford: Blackwell, 1983.

HOBSBAWM, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780**: programa, mito e realidade. São Paulo: Paz e terra, 1990.

HONNETH, Axel. **Luta por Reconhecimento**: A Gramática Moral dos Conflitos Sociais. Editora 34, São Paulo, 2003.

HROCH, Miroslav. **Social Preconditions of National Revival in Europe. A Comparative Analysis of the Social Composition of Patriotic Groups Among the Smaller European Nations**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

INSTITUTE KURDE DE PARIS. **A brief survey of The History of the Kurds**. Kendal Nezan s/d, s/p. Disponível em: <https://www.institutkurde.org/info/diaspora-kurde-1232550920>. Acesso em: 10 jun. 2023.

MANGO, Andrew. **Atatürk and the Kurds**, Middle Eastern Studies, Vol.35 No:4, pp. 1-25, 1999.

_____. **The Turks Today**. London: John Murray, 2004.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Revista do PPGAV, Universidade Federal do Rio de Janeiro, nº 32, p. 123-151, 2016.

MCCRONE, David. **The Sociology of Nationalism**, Routledge, London, 1998.

MCDOWALL, David. **A Modern History of the Kurds**, London: IB Tauris, 2007.

ÖCALAN, Abdullah. **Confederalismo Democrático**. Rizoma Editorial, 2016. Disponível em: <https://www.freeocalan.org/books/#/book/confederalismo-democratico-pt>. Acesso em: 29 Out 2023.

_____. **Guerra e paz no Curdistão**. Perspectivas para uma solução política da Questão Curda, International Initiative. 2008.

ÖZCAN, Ali Kemal. **Turkey's Kurds: A theoretical analysis of the PKK and Abdullah Öcalan**. New York: Routledge, 2006.

PEIXINHO, Maria de Fátima Amaral Simões. **O Curdistão no Iraque, ensaio de uma Nação: contextos e desafios**. Dissertação de Mestrado em Relações Internacionais, Universidade Fernando Pessoa. Porto, 2010.

PLAKOUDAS, Spyridon. **Insurgency and Counter-Insurgency in Turkey: the new PKK**. Springer Nature, Switzerland. 2018.

SANTOS, Rafael Macedo da Rocha. **Teorias sobre nacionalismo: um debate conceitual e teórico das relações entre nação e história**. Revista Veredas da História, [online], v. 11, n. 1, p. 273-284, Jul, 2018.

SAVRAN, Arin. **The Peace Process between Turkey and the Kurdistan Workers' Party, 2009-2015**. Journal of Balkan and Near Eastern Studies. 2020, Vol 22, No 6. p. 777-792. Disponível em:

<https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/19448953.2020.1801243>, acesso em 05 Nov 2023.

VAN BRUINESSEN, Martin. **The Kurdish question**: Whose question, whose answers? The Kurdish movement seen by the Kurds and by their neighbors. Utrecht University, 2004.

VALI, Abbas. **Nationalism and Kurdish Historical Writing**, New Perspectives on Turkey, Spring 1996, No. 14.

YAVUZ, M. Hakan. **Five Stages of the Construction of Kurdish Nationalism in Turkey**. In: Nationalism & Ethnic Politics, Vol.7, No.3, Autumn 2001, p. 1-24. Editora Frank Cass, London. Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/epdf/10.1080/13537110108428635>. Acesso em 05 jun 2023.

YEGEN, Mesut. **The Kurdish Peace Process in Turkey**: Genesis, Evolution and Prospects. Istanbul Sehir University, 2015. Disponível em: www.files.ethz.ch/isn/191379/gte_wp_11.pdf. Acesso em 24 Out, 2023.

YLDIZ, K. **The Kurds in Iraq**. The Past, the Present and Future. London, Pluto Press, 2007.